

**Dolores Flor da Cruz Leite
Manoel Rodrigues Leite**

ATUALIDADE EM QUESTÃO

**EDITORA
AÇÕES LITERÁRIAS
SINOP-MT
2020**

Copyright © 2020 by autores. O conteúdo desta obra é de responsabilidade dos autores, proprietários do Direito Autoral.

Todos os direitos reservados. Proibido a reprodução no todo ou em parte, sem autorização prévia dos autores e editora, sejam quais forem os meios empregados. A violação dos direitos do autor é crime estabelecido no Código Penal.

Organizadores: Dolores Flor da Cruz Leite | Manoel Rodrigues Leite

Revisão: Autores

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Carla Lopes Ferreira (Bibliotecária CRB1-2960)

L533a

Leite, Dolores Flor da Cruz (Org.)

Atualidade em questão / Dolores Flor da Cruz Leite,
Manoel Rodrigues Leite (Orgs.). – 1. ed. – Sinop, MT: Ações
Literárias, 2020.

128 p. ; il. ; 14x21cm.

Inclui biografias dos autores.

ISBN 978659901491-8

1. Literatura brasileira – poesia. 2. Versos. I. Leite,
Manoel Rodrigues. II. Título.

CDU 82-1

CDD B869.91

Índices para catálogo sistemático

1. Literatura brasileira: poesia B869.91
2. Literatura brasileira: poesia 82-1

EDITORA AÇÕES LITERÁRIAS
CAIXA POSTAL 785 - FONE (66) 99643-5501
SINOP-MT 78.551-350
www.escritorescontemporanos.com.br
www.saberesonline.com.br

Atualidades

Atualidade que se move na velocidade da informação, segue seu curso em fibras e muitas vezes toma direções antes nunca imaginadas. Quais questões são atuais? Como podemos navegar nestes novos e velhos tempos? A Antologia Atualidade em Questão da Ações Literárias Editora, não possui a pretensão de debater ou muito menos esclarecer as realidades que ora se coloca em nossos tempos.

Nesta obra de maneira livre, os autores expõem assuntos atuais, apresentados em poesias e contos que ilustram plenamente diversos cotidianos. Temas como amores modernos, saudades, infância, pandemia, morte, família são alguns tópicos aqui apresentados. Cada qual com seu estilo próprio, aliam-se a um ponto de vista único que nos confronta e conforta em nossas realidades.

Nada é tão atual como a escrita em versos, prosas, contos. Afinal, em momentos que notícias nascem com pouco prazo de validade, pois serão substituídas por outras notícias. O melhor é nos cercamos de textos que não se perdem, ao envelhecer se tornam clássicos, mas nunca descartáveis. Pois, como as pessoas ganham sabedoria com o tempo, a os textos literários tornam-se mais consistentes com o passar do tempo, e com as diversas reinterpretações que hão de surgir com suas leituras. Diante disso atualize-se com os belos textos de Atualidade em Questão.

Boa leitura

Dolores Flor da Cruz Leite
Editora e Escritora
e
Manoel Rodrigues Leite
Escritor

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| Jabner Gonçalves de Lima | 8 |
| Eu sou eu mesmo | 9 |
| Alex Ferreira Porto | 10 |
| Opera decadente | 11 |
| Neiva Guarienti Pagno | 12 |
| Meu pé de laranja | 13 |
| Danielly Eduarda Ferreira de Lima | 16 |
| Amor moderno | 17 |
| Nauza Luza Martins | 19 |
| Almas em sintonia | 20 |
| Maura Luza Frazão | 26 |
| Encontrando o amor | 27 |
| Lylían Ribeiro Doval Frágoso | 30 |
| Momentos | 31 |
| Bianca Luísa Pagno | 32 |
| Aprendizado de infância | 33 |
| Rodrigo Avila Colla | 35 |
| Saudade em Tempos de Pandemia | 36 |
| Luciano Izidoro de Borba | 38 |
| Pai-Mãe-Vida | 39 |
| Aqui ou lá | 40 |
| Ana Cristina Melancieri Simão | 41 |

| | |
|---|-----------|
| Conservando..... | 42 |
| Cuidados de família..... | 43 |
| Fernando Jorge dos Santos Farias | 45 |
| O fio e os rastros..... | 46 |
| Luciani Aparecida Nascimento Mariano | 50 |
| A vida passa. | 51 |
| Jacinaila Ferreira | 52 |
| Notícia na TV | 53 |
| Pedro Panhoca da Silva | 56 |
| Cena de morte..... | 57 |
| Jailson França | 58 |
| O Estranho..... | 59 |
| Vilson Roque Bocca | 62 |
| Do Outro Lado da Pandemia..... | 63 |
| Marcelo Aparecido Da Silva | 67 |
| Crônica: Conectados e despertados..... | 68 |
| Jeferson Ilha | 70 |
| Vertigital..... | 71 |
| Frederico Trindade Teófilo | 72 |
| De qual lado estou | 73 |
| Luísa Teixeira Novaes..... | 74 |
| Você. | 75 |
| A Paz do Girassol..... | 76 |

| | |
|---|------------|
| Simone de Sousa Naedzold | 77 |
| Lembrando Khlebnikov..... | 78 |
| A língua..... | 79 |
| Josafá Paulino de Lima | 80 |
| Sonhos de pedra e cal..... | 81 |
| Jobert Rocha..... | 82 |
| Hospitais lotados: novo vírus na praça..... | 83 |
| Matheus de Jesus Fernandes..... | 86 |
| REVOADA | 87 |
| Artemise Galeno | 92 |
| E por falar em liberdade..... | 93 |
| Romeu Donatti..... | 96 |
| Sinais | 97 |
| Manoel Rodrigues Leite | 99 |
| O preço da dúvida | 100 |
| Ireneu Bruno Jaeger | 102 |
| O Fascínio pelas Letras | 103 |
| Bernadete Crecêncio Laurindo..... | 104 |
| Felicidade é matreira | 105 |
| Dolores Flor | 106 |
| Alma entre resquícios | 107 |

Jabner Gonçalves de Lima

Sinop-MT



É graduando do curso de Psicologia pelo Centro Universitário UNIFASIPE – Sinop/MT, atuou como estagiário na Escola Municipal de Educação Básica Lizamara Ap.^a Oliva de Almeida, onde descobriu sua paixão pela educação, sendo professor auxiliar de alunos com alguma dificuldade ou transtorno da aprendizagem. Desenvolveu por um período de um ano, o projeto voluntário por nome: “Apoio Pedagógico” com reforço escolar para alunos não alfabetizados e com dificuldades na aprendizagem sob Orientação da Prof.^a. Especialista em Alfabetização Infantil Elisabete Braga e Supervisão direção da Escola Prof.^a Especialista em Gestão Escolar Solange Walter e Coordenação Prof.^a. Esp. Cintia Langer. Atuou também na Escola Municipal de Educação Básica Jurandir Liberino de Mesquita sendo mediador de aluno portador do TEA (Transtorno do Espectro Autista). Estagiário no Colégio Alternativo|Unicesumar desenvolvendo atividades voltadas a Psicologia Organizacional e do Trabalho como: treinamentos, palestras, elaboração de organograma, descrição de cargos, funções e manual de integração. Atualmente é Mediador Escolar e Aplicador ABA (Análise do Comportamento Aplicada), desenvolvendo seu trabalho baseado em práticas com evidências científicas. Sempre se dedicou as atividades acadêmicas participando de projetos sociais, congressos, conferências, exposições de artigos e banner científicos. Tem feito registros de seus pensamentos sobre uma das mais sublimes artes que é a Literatura com poemas, poesias e versos sobre a vida. Um amante por conhecer o comportamento humano e compreender a sua psique.

Eu sou eu mesmo

Preciso de foco e concentração
Sou meticoloso e exijo perfeição
Não importa o cansaço, eu sei do meu trabalho,
Não sou qualquer um, eu sou,
Eu mesmo, do jeito que eu sou.

Não importa as consequências
Quero oferecer o meu melhor
Quero ser eu mesmo
Sem máscaras e sem invenções vãs
Sigo sendo eu mesmo, do jeito que eu sou.

Alex Ferreira Porto

Bauru - SP



Meu nome é Alex Porto tenho 32 anos sou universitário do curso de pedagogia. Para mim escrever é compartilhar sentimentos, é conduzir a alguém uma reflexão e quem sabe mudar para bem alguma ação...

Opera decadente

(música 2)

Meus dedos estão adestrados para a composição.
Estou fadigado, mas não consigo parar,
Essa melodia que me faz chorar.
Reproduzindo som pelo piano,
Me vejo em vários lugares.
Meu corpo desfalece, não consigo parar...

Me sinto como um poeta que precisa concluir sua poesia,
Poesia inacabada, música pela metade.
Perpasso noites em claro não sei o que ir até a calçada de
minha própria casa,
Os vizinhos não cessa de reclamar, querem silêncio.
Se eu parar minhas lágrimas cessam,
Mas a minha alma chora...

Minhas mãos está reproduzindo meus solfejos solitários,
Acordes sendo desenrolado como uma novela sem fim.
Em busca do meu espírito que se perdeu nas acústicas
desse piano,
Procuo incessantemente o fim de mais uma estrofe.
Procuo o fim de mais uma melodia,
Procuo o fim da minha lastima. Procuo...

Em cada música feita, me sinto mais próximo do meu
descanso,
Termino, e durmo.
Durmo...
Acordo com um vazio na alma e começo a solfejar...

Neiva Guarienti Pagno

Lucas do Rio Verde - MT



Meu nome é Neiva G. Pagno, sou professora de Língua Portuguesa em uma escola pública municipal de Lucas do Rio Verde. Também sou discente da Turma 6 do Profletras- Universidade do Estado de Mato Grosso. Minha mais adorada função é ser mãe, ser esposa e escritora de contos.

Meu pé de laranja

Acho que todo adulto que viveu no campo quando criança guarda na memória e, principalmente, no coração, a lembrança de uma árvore. Eu, felizmente, tenho duas.

A primeira é a recordação de um pé de angico, que, na semana da árvore, ganhei na escola para plantar. Eu tinha uns sete anos de idade, a muda era meio grande, sofri um bocado carregando-a da escola até em casa.

Quando cheguei em casa, minha mãe disse que me ajudaria a plantar. Então escolhemos um lugar pertinho de casa, fizemos um buraco e colocamos a muda do angico lá dentro, porque ela já vinha com terra.

“É preciso regar e cuidar. Converse diariamente com ela, porque árvore tem sentimento”, disse minha mãe.

E assim fiz.

O angico foi crescendo, crescendo, crescendo. Nunca imaginei que ele ficaria tão grande. E ficou. Grande até demais que passou a bater seus belos galhos no telhado de casa, porque minha mãe e eu não calculamos a distância e plantamos o angico muito perto da calçada.

Então, um dia meu pai achou melhor cortá-lo. Fiquei imensamente triste com isso, mas não tinha outro jeito. As telhas poderiam quebrar com as balançadas dos galhos do meu pé de angico. Decisão tomada pelo pai não tinha volta: o angico foi cortado.

Saí de perto para não ver o angico morrer e, pior ainda, ver o pai cortar todos os seus galhos e o tronco para fazer lenha.

Passei um bom tempo escondida, chorando, longe de todo mundo.

Mas quando entrei em casa, minha mãe calmamente me deu um presente. Ela tinha feito uma muda nova do meu angico e já estava bem grandinha.

Que felicidade! Meu angico estava vivo e agora sim, minha mãe e eu decidimos plantá-lo num lugar seguro, onde ninguém mais precisaria cortá-lo e ele poderia crescer muito e ser feliz.

A segunda árvore foi ainda mais marcante. Um pé de laranja, que ficava no lote do vizinho, mas bem na divisa. Como era na divisa, não tinha dono. Ou melhor...todo mundo era dono! A vila inteira era dona daquela árvore, todo mundo vinha até ela para aproveitar a sua sombra, brincar em seus galhos e saborear os seus frutos.

E pensa num pé de laranja grande, imponente, verde e belo. Ele tinha uma copa GIGANTESCA, muitos galhos e o mais maravilhoso é que na época de produzir laranjas ele produzia muita, muita, mas muita laranja mesmo que não tenho nem como descrever.

Eram laranjas enormes, laranjas de cor amarela, laranjas apetitosas... Mas tinha algo mais fantástico ainda, é que ele enchia de frutos duas vezes por ano. Aí era extraordinário demais!

Lembro que teve uma época em que decidimos fazer um balanço em seus galhos, para que nós pudéssemos nos divertir. Com certeza não há uma criança nesse mundo que não goste de um balanço.

Entretanto, o mais incrível disso (essa árvore realmente não era como as outras), o mais incrível disso é

que fizemos QUATRO balanços e não um só, porque ele era tão gigante, como eu disse, tão descomunal que fizemos quatro balanços em seus galhos e conseguíamos brincar em quatro pessoas ao mesmo tempo. Isso foi demais!

E assim o tempo passou. Aquele pé de laranja sempre lá, na divisa, admirável, belo, trazendo sempre alegria e frutos.

Mas um certo dia, o vizinho, o dono do lote onde ficava nosso pé de laranja, decidiu cortá-lo, porque a sombra da árvore não deixava o pasto crescer. Decisão tomada pelo vizinho não tinha volta: o pé de laranja foi cortado.

Naquele dia cortou-se também a alegria da gurizada, a sombra majestosa, os balanços divertidos, as brincadeiras de criança, a reunião dos meninos e das meninas da vila, os frutos deliciosos.

E já se foram muitos anos desde esse dia. Mas aprendi a olhar para trás e lembrar aquilo que foi bom e não o que foi ruim. Então percebi que ninguém corta as recordações, ninguém corta os sentimentos, ninguém corta as marcas boas da infância, que no papel registradas serão para sempre lembradas.

Danielly Eduarda Ferreira de Lima

Sapezal-MT



Sou apenas uma amante de
filosofia e arte.

Amor moderno

Quando você estiver na porta
Não abrirei novamente
Você dizia - me
Você é meu mundo
Mas tu não me disse que ele estava em ruínas

A essência foi se perdendo
O tempo foi nosso inimigo
E você se aliou à ele
Como eu não pude perceber?

Havia sinais
Ignorei – os
Até que você foi
Se revelando

No final
Acabei vendo o que menos esperava
Tudo se confirmou
A ira transbordou

Tudo se repetiu
Em questão de segundos
No entanto, doeu menos

Apesar de tudo
Algo restou
As noites
Valeram a pena

Mesmo não sendo o suficiente
Deu para suprir

Pelo menos por um momento
Algo que mantenho aqui dentro

Palavras vazias
Olhar morto
Pensamentos superficiais
Eu consegui enxergar algo além disso
Algo irreal

Não há nada além do que vejo
Completamente raso
Sem interpretação
Visto a olho nu

Tentei imaginar o surrealismo
Tendo em vista que;
Você é um lago
E não um oceano

Nauza Luza Martins

Brasília-DF



Nauza Luza Martins é Assistente Social graduada pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA onde cursou Serviço Social. Mora em Brasília, com seus três filhos (Juliana, Marcus Vinicius e Carolina Helena). Servidora pública do Governo do Distrito Federal/GDF.

Bibliografia: livros solo de poemas “Jogo de Palavras/2017 e “Interlúdio Poético” /2020 pela Chiado Books.

Coautora nas seguintes Antologias Poéticas: Poesia Brasileira Contemporânea “Além da Terra Além do Céu”, vol. II/2017; Vol. III/2018 e Vol. IV/2019; Poesia Livre “Liberdade”/2019; Coletânea de Autoras Brasileiras Contemporâneas “Registros Femininos”/2020; Quarentena”, Memórias de um País Confinado/2020. Todos pela Chiado Books; Antologia de Contos e Poemas/2019, Editora Albatroz; e Coletânea de Contos & Poemas “Baú de Palavras” /2020. Editora Saramago.

Almas em sintonia

Ela tocava “Moonlight Sonata” de Beethoven no piano. Completamente absorta e embevecida com os acordes que enchiam o espaço. Ele entrou de mansinho. Não queria que ela se desconcentrasse com sua presença.

Encostou-se levemente na viga da porta e contemplou a beleza da moça, a suavidade dos traços do seu rosto, suas mãos ágeis e delicadas bailando sobre o teclado do piano.

Observou que vez ou outra, ela tirava os lindos cabelos que teimavam em cair em seu rosto. Que fechava os olhos como se viajasse ao som da música que tocava. Então ela o viu, suas feições levemente pálidas ficaram afogeadas, as mãos crispadas pararam de tocar. Sem mais delongas, perguntou: Quem é você? O que quer?

Ele empertigou-se, e lentamente, caminhou até ela olhando-a fixamente. Parou ao seu lado.

Após o longo silêncio que dominava a sala, ele então sentou -se ao lado dela. Entrelharam-se longamente. Pareciam hipnotizados. Incontinentemente, ele estendeu as mãos e pousou-as sobre o teclado do piano.

Quebrou o silêncio ao dedilhar uma música suave e envolvente que encheu todo o espaço e surpreendeu a moça que parecia impactada com sua inesperada atitude. Ela se sentiu desafiada.

Após um rápido interlúdio, compartilhou o teclado continuando a execução da música a quatro mãos.

As mãos dele, longas e bonitas, tocaram as dela incidentalmente enquanto tocavam. Seus olhares se cruzaram. Ele, com um meio sorriso, gentilmente, se apresentou:

— Me chamo Pedro Alberto, prazer. E a senhorita, como se chama?

Ela o encarou de maneira inquisitiva, porém sem perder a suavidade do semblante. Após um momento de silêncio, que a Pedro Alberto pareceu uma eternidade, com as faces enrubescidas, ela respondeu: Sou Sofia Castro Melo, muito prazer. Por favor, me chame de senhora.

Ele pareceu atônito. Ela percebeu, porém se limitou a olhá-lo fixamente com seus lindos olhos sem cor definida, porque mudavam de cor de acordo a luz.

Com o silêncio que tomou conta do ambiente, a espaçosa sala parecia maior do que realmente era. Ambos se entreolharam novamente, seus corações batiam tão forte quanto o barulho intermitente da água da chuva que caía a cântaros no telhado com sons de trovões, ventos fortes e rojões de raios que volta e meia clareava o local agora totalmente escuro resultante da falta de energia elétrica.

Sofia ficou momentaneamente impactada. Pedro Alberto prontamente apressou-se a fechar todas as janelas e a porta da frente que continuava aberta.

Ela cruzou os braços, se encolhendo um pouco na tentativa de proteger-se do frio que repentinamente tomou conta de seu corpo.

A energia elétrica voltou e seus olhares se cruzaram. Pedro Alberto teve ímpetos de correr até ela, envolvê-la e aquecê-la em seus fortes braços. Era uma mulher jovem, bela, interessante e da mesma faixa etária que a sua. Se conteve a tempo. Seu coração batia acelerado, respiração ofegante, mal conseguia verbalizar uma palavra. Recompôs-se rapidamente e se voltou para ela chegando mais perto.

— Desculpe Sra. Sofia, sobre o modo abrupto como adentrei em sua casa sem aviso e sem convite. Sou recém-chegado à região. Me perdi. Passava por aqui em busca de alguém para pedir informações. Vi a porta entreaberta,

desci do carro e segui o som da inebriante música que ouvi. Com todo o respeito, fiquei encantado pela sua música, e agora, pela sua rara beleza também.

Ela pareceu intimidada com o comentário dele. Não estava acostumada a receber elogios assim, de um estranho havia muito tempo. Reagiu prontamente com certa altivez e perguntou como poderia ajudá-lo.

CONCLUSÃO:

Na verdade, sou Pedro Alberto Alcântara de Meneses. Estou à procura do Sr. Castro de Melo. Conversamos por telefone um mês atrás quando me interessei por suas terras a venda anunciadas num Jornal da Capital. Meu Advogado, encarregou-se de toda a negociação. A Senhora é parente dele? Temos negócios a tratar.

Ela ficou levemente embaraçada e surpresa ao mesmo tempo.

— O Senhor está atrasado. Nós aguardávamos um Senhor Alcântara de Meneses há duas semanas atrás. Sou a viúva de Antônio Castro de Melo. Ele faleceu semana passada. Estava muito doente havia seis meses. Nos últimos dois meses foi desenganado pelos médicos da Capital. Voltamos para casa onde ele insistiu em passar seus últimos dias, sempre ao meu lado. Nós nos amávamos. Casamos bem jovens. Fomos felizes em nossos seis anos juntos.

Sofia ensaiou uma expressão contida. Tentou impedir as lágrimas que teimavam em cair fartamente de seus olhos impedindo-a de pronunciar qualquer palavra. Recostou-se repentinamente no piano como se a qualquer momento fosse cair sobre ele. Parecia tão frágil e desprotegida.

Pedro Alberto não resistiu e tomou-a em seus braços, beijou suas lágrimas tentando enxugá-las e deixá-la mais calma. Ela não se opôs, entregou-se ao momento. Ele tinha ombros largos, peito forte e um cheiro tão bom, que, por uma fração de segundo, a fez esquecer sua condição. Logo recobrou sua altivez e dignidade e afastou-se delicadamente.

— Qual seu interesse em nossa propriedade? Pensa em compra-la para revender ou pretende morar aqui, e por que? Perguntou Sofia de pronto.

Pedro Alberto perguntou a Sofia onde poderiam conversar calmamente. Ela desculpou-se por não ter se comportado como uma boa anfitriã até o presente momento. Convidou-o a acompanhá-la a uma aconchegante sala ao lado que era usada como Biblioteca e escritório do casal. Ofereceu um vinho do próprio vinhedo cultivado na grande propriedade. Ele aceitou.

— Sabe Sofia, também sou viúvo há três anos, tenho dois filhos. Depois que perdi minha amada esposa, pensei em morar num lugar aconchegante fora da Capital. Quero ter mais tempo para meus filhos André, 09 anos e Felipe de 07 anos. Eles ainda sofrem e sentem muita falta da mãe. Pesquisei a cidade. Achei uma ótima escola. Sou formado em Medicina e escritor nas horas vagas. Já acertei com o Hospital Geral da cidade onde darei alguns plantões. Assim terei tempo para meus filhos, escrever meus romances e aprender sobre vinhos.

Sei o que está pensando Sofia – se expressou com um sorriso encantador. Não se preocupe. Acertei com seu falecido marido que manteria o atual Administrador, Sr. Moisés Cândido e família no cuidado da vinícola sob minha supervisão. Tive boas recomendações de seu caráter e do

seu trabalho. Estou certo que tenho muito a aprender com ele.

Pedro Alberto percebeu um leve meio sorriso e um repentino ar de despreocupação no semblante de Sofia, o que muito o agradou.

— Diga-me Sra. Sofia, o que faz nesta cidade, tem planos de manter meu acordo de negócios com seu falecido marido? O que pretende fazer?

Pedro Alberto percebeu que Sofia parecia mais calma e descontraída. Suas faces enrubesceram quando levantou os olhos para ele. Talvez em razão das taças de vinho que tomaram juntos.

— Sou formada em História da Arte. Tenho um estúdio aqui em casa onde costumava passar muito tempo pintando meus quadros. Já fiz uma exposição aqui na cidade e outra na Capital. Fiquei feliz com a receptividade do meio artístico e do público em geral ao meu trabalho. Também dou aulas de música na mesma escola onde seus filhos irão estudar. Realmente é a melhor escola da região. Com a doença do meu marido, diminuí minhas atividades para ficar ao seu lado. Não tivemos filhos, mas, ainda estava em nossos planos.

Sofia pareceu triste e melancólica repentinamente como se tivesse tocado num assunto delicado que a incomodava.

— Sempre achei esta casa grande demais apenas para nós dois e os empregados. Sempre sonhei com barulhos, bagunça e risos de crianças pela casa. Tomou um gole de vinho e olhou para Pedro Alberto com um olhar enigmático. Ele sorriu. Chegou mais perto dela no amplo sofá onde os dois conversavam. Parecia que já se conheciam. Ele sentiu uma empatia e perfeita sintonia ao lado de Sofia. “Uma mulher extraordinária”, pensou ele.

Lançou um intenso olhar em direção a ela que não lhe deixou nenhuma dúvida de que se interessava por ela.

Repentinamente, ela se levantou. Convidou-o para jantar e lhe ofereceu hospedagem até que tudo se resolvesse.

— A casa é grande, temos muitos quartos de hóspedes. Assim, amanhã, após um merecido descanso lhe mostrarei a casa e o acompanharei numa visita à propriedade e o apresentarei ao Sr. Moisés Cândido. O que acha?

Ele sorriu e seu sorriso iluminou todo o ambiente. Vislumbrou um mundo de possibilidades. Pensou consigo mesmo que achara o amor de sua vida. Sofia seria sua e continuaria ali, onde começariam uma nova vida juntos, apaixonados e felizes.

Ela, por sua vez, se surpreendeu com seus sentimentos em relação a Pedro Alberto. Lembrou que ainda era jovem. Aquele homem lhe apresentava novas possibilidades. Sentia que poderia conquistá-lo.

De repente teve a impressão, ao olhar para a foto do marido na parede da sala, que ele lhe sorrisse. Uma onda de felicidade a invadiu. Ela seria feliz com Pedro Alberto e seus filhos André e Felipe. O amanhã era uma promessa de novos recomeços.

Maura Luza Frazão

São Luiz - MA



Maura Luza Martins Frazão de Oliveira, nasceu na pequena Cidade de Monção/MA, atualmente reside em São Luís/MA. Casada, mãe de dois filhos. Pedagoga, com Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional e Coordenação Pedagógica. Professora da rede Municipal de Educação - Prefeitura de São Luís/MA e Prefeitura de São José de

Ribamar/MA. Experiência na Educação Básica - professora/Coordenação Pedagógica. Também com Orientação de Monografias e Consultoria Pedagógica. Confreira da Academia Literária Internacional de Poetas e Escritores - ALIPE. Membro da Associação Brasileira de poetas Spinaístas. Participou das Antologias: Registro Femininos - CHIADO BOOKS; QUARENTENA - CHIADO BOOKS; Poesias para a Nova Década - ALBATROZ/CASA LITERÁRIA; BAÚ DE PALAVRAS - SARAMAGO, entre outras.

Encontrando o amor

Era uma rua aparentemente comum, na verdade, uma avenida. Um lugar com nome abrangente "Avenida Norte Sul". Um universo a parte, pois era exatamente lá que morava aquele "grupo" daquelas garotas outrora decantado naquele poema "Grupo DRAFIMM"

Aquelas jovens transpiravam vivacidade, estavam sempre juntas. Eram atletas, faziam parte do time de voleibol do bairro. Suas paqueras eram de conhecimento de todas, umas ajudando as outras em suas conquistas amorosas. As gargalhadas eram os sons mais comuns em todos os espaços em que elas se encontravam.

Descreveria vários romances protagonizados por cada uma delas, porém, atentarei para apenas um. Seu nome era Malu, de uma personalidade forte, beleza negra, faceira, demonstrava muita inteligência, e estava sempre cercada por suas amigas e parceiras. Tinha algo de diferente nela, em relação às outras, ela nunca estava apaixonada e sempre ditava as regras em suas relações de namoro.

Um dia... Chegando do trabalho, avistou um colega vizinho conversando com um rapaz, que prendeu sua atenção. Aqueles olhos a hipnotizaram incontinentemente. Foi apresentada a ele, e o jovem também demonstrou certo interesse. Seu coração foi aprisionado imediatamente. Dali em diante, os sonhos de Malu ganharam um protagonista.

Era uma verdadeira novela o que acontecia todos os dias. As amigas se reuniam, conversando na porta da casa de duas irmãs, partes do grupo, até o momento em que aquele jovem passava, o que acontecia somente depois das vinte e três horas. Um com sono e outras cansadas, mais a amizade era tanta que as amigas não abandonavam a enamorada Malu.

Assim, se passaram dias e semanas... todas as noites a mesma história, esperar o jovem que agora elas já sabiam se

chamar Antônio. Ele passava, dava boa noite e dobrava no canto da Avenida. Nesse momento, todas se levantavam e iam dormir.

Depois de algum tempo, elas tiveram a ideia de todas as noites uma delas se ausentar, queriam ter certeza se aquele lindo sorriso era de fato para a Malu. Logo deram início ao elaborado plano, que revelou um final feliz para a enamorada garota, pois no dia em que ela se ausentou, o rapaz a ficou procurando com os olhos. Com isso, todas perceberam que ele também estava interessado de fato em Malu.

Com o passar das semanas, uma das meninas, a Mary que era mais espreitada, disse a Malu que estava cansada de esperar “chove não molha”, perdendo suas noites de sono nesse “lenga lenga”! O que pretendes fazer? Perguntou Malu. Amanhã você verá, respondeu Mary com um certo ar de suspense.

Todas ficaram curiosas. Mary guardou para si o que faria para resolver aquele impasse.

Outra noite chegou. Momento em que todas se sentavam na frente da casa à espera do jovem passar. Quando o avistaram, Mary ficou em alerta, assim que ele dobrou o canto da avenida. Mary maluquinha, se levantou e correu atrás dele sem que o mesmo percebesse. Continuou seguindo-o até descobrir onde ele morava. Surpresa constatou que era na mesma rua da Íris, uma das integrantes do grupo. Pronto, enigmas elucidados. Agora a nova parte do plano, promover o encontro dos corações enamorados.

No dia seguinte, à noite, Mary e Malu se arrumaram e foram visitar a amiga Íris, adentraram à rua conversando alegremente, quando foram passando na casa do rapaz, demonstraram surpresa ao vê-lo no terraço da casa com um violão na mão. As duas lhe deram um “oi” meio sem graça.

Fazendo cara de surpresa, ele perguntou a Mary se era sua vizinha. Prontamente, ela respondeu iam visitar Iris que morava nas proximidades e que precisavam acertar alguns

detalhes para o jogo de voleibol do dia seguinte. Ele prontamente levantou um olhar indefinido para Malu e convidou-a a esperar a amiga com ele.

Assim, Mary seguiu e Malu ficou conversando e ouvindo Antônio tocar violão. O tempo foi passando e nada de Mary voltar, a toda hora Malu verificava o relógio fingindo se preocupar com o adiantado das horas. Ele percebeu seu desconforto e prometeu que a levaria em casa no caso de a amiga não chegar até as vinte duas horas e trinta minutos.

Como era de se esperar, Mary não voltou. Já estava tudo previamente combinado dando chance a Malu de conhecer melhor seu novo amor. No horário combinado, ele deixou o violão dentro de casa e acompanhou Malu até sua casa. Na porta, se despediram com um simples até mais. Ao entrar em casa encontrou todas as amigas esperando-a, inclusive Íris. Queriam saber de todos os detalhes do encontro programado: Se tinha rolado beijos e blá, blá, blá, blá.

Nos dias que seguiram, ele sempre encostava na casa de Malu, conversavam um pouco, depois ele a convidava para ir até a casa dele. Lá, ele tocava um pouco de violão, conversavam bastante e a trazia de volta. Elas inconformadas com o lento andamento do romance, decidiram que Malu precisava tomar a iniciativa de beijá-lo. Ela afirmava categoricamente que ia esperar partir dele, se iam levar dias, semanas, meses ou até anos, ela iria esperar pacientemente.

No quinto dia, quando Antônio a deixou em casa, ele a beijou apaixonadamente. Daquele dia em diante, nunca mais se separaram.

Lylian Ribeiro Doval Fragoso

Bauru - SP



Lylian Ribeiro Doval Fragoso, 44 anos, nasceu na cidade de Bauru, interior de SP, no ano de 1976, mãe de três filhos, Isabela (16), Rafaela(13) e Pedro(10), formada em Secretariado Executivo Bilíngue em 2005, exerceu a função de secretária, terceirizada na Delegacia da Receita Federal em Bauru, mas atualmente é do lar e estuda Pedagogia na UNIPLAN Bauru SP. Apaixonada por poesia.

Momentos

Ao expressar a
minha alegria quando faço
caminhada matutinas sinto
o pulsar do meu coração.

Sinto a minha respiração...

Com o fone no ouvido
uma canção me embala...
Me leva a sonhar(...) a viajar
desejar...

Quero aproveitar todas
as coisas boas da vida,
aprecio a natureza!
Meus olhos contemplam
as ruas, os carros, e as
bicicletas, as motos e
pessoas...

Meus olhos admiram as árvores
as flores, as paisagens, o céu e o sol
Aprecio o despontar do sol

Contemplo o pôr do sol...
E tudo isso me faz tão bem!
Me faz feliz! E faz pensar...
Esses momentos são meus

Bianca Luísa Pagno

Lucas do Rio Verde - MT



Sou aluna do 1º Ano do Ensino Médio da Escola Estadual Dom Bosco-Extensão Groslândia. Tenho 15 anos, gosto muito de escrever, de ler histórias e poemas.

Aprendizado de infância

Todo mundo preserva em sua mente momentos especiais, tristes, felizes, festas de aniversário e brincadeiras favoritas.

Na minha mente guardo uma das coisas que foi muito importante para mim, o meu lindo e majestoso pé de manga.

Era uma árvore que tinha grandes galhos, um grande tronco e era uma grande produtora de mangas doces e amarelinhas.

Nessa imensa árvore minha infância ficou registrada. Eu brincava do amanhecer até o entardecer, sem lembrar que existia hora ou mesmo tarefas da escola.

Para mim, o meu pé de manga era mágico. Ele se tornava uma casinha, ao mesmo tempo, em que se transformava em um parque de diversões, mas de uma maneira bem simples, com balanços feitos de cordas e madeiras, e com galhos que serviam para subir em sua copa e apanhar seus deliciosos frutos.

O tempo foi passando e eu ia crescendo. Mesmo assim continuava brincando em sua sombra, em seus galhos, usufruindo da sua companhia.

As brincadeiras ao lado daquela árvore eram sempre as mais divertidas.

Os momentos vividos em sua presença não passavam, simplesmente voavam.

E a cada novo dia, o pé de manga se tornava mais e mais valioso para mim. De vez em quando, eu chamava as minhas amigas para se divertirem comigo.

Quando completei 11 anos de idade, recebi uma notícia alegre e outra muito triste. A notícia alegre era que iríamos construir nossa primeira casa depois de muitos anos morando de aluguel. Não podia haver uma novidade melhor

do que essa. Eu fiquei extremamente feliz, pois seria construída da maneira que tanto minha família e eu sonhávamos.

Mas junto com esse deslumbrante acontecimento veio também o mais melancólico momento da minha infância. Para que nossa casa fosse erguida, era preciso cortar o pé de manga.

Então, certa manhã, lembro-me ainda, com grande tristeza, quando nosso vizinho veio, montado em cima de um trator velho e barulhento, arrancar meu pé de manga.

No momento em que ele caiu ao chão, pude sentir o seu último suspiro de vida ao meu lado. Uma grande árvore, que demorou muitos anos para crescer e se tornar tão bela e produtiva e, apenas em alguns minutos, já estava totalmente sem vida.

Não pude fazer nada. Simplesmente fiquei junto de minha mãe e observei tudo. Não conseguia acreditar no que meus olhos viam, mas sabia que era necessário, porque teríamos nossa própria casa agora.

Meu pé de manga foi inteiro levado embora, arrastado para bem longe da minha casa, da minha vida. Mas minha melhor amiga de infância ainda vive em minha lembrança. Com tudo isso também aprendi que na vida temos que perder coisas especiais para ganhar outras melhores.

Rodrigo Avila Colla

Porto Alegre - RS



Nascido em Porto Alegre – RS, em 18 de maio de 1983. Pedagogo e comunicólogo formado pela UFRGS, onde também realizou especialização em Pedagogia da Arte. Mestre e doutor em

Educação pela PUCRS. Amante da natureza, da Filosofia e da Arte. Nos últimos anos, publicou diversos artigos sobre educação em periódicos da área, além de poemas em cadernos literários e matérias em revistas. Atualmente, é professor de Educação Infantil da Rede Municipal de Esteio – RS.

Saudade em Tempos de Pandemia

Saudade de uma infância que há (não) muito tempo findou
E de jogar taco/futebol no meio da rua
De se sujar de barro, sorvete, chocolate
E de sangue, é claro – porque não há joelho ou cotovelo
que aguento tanta queda

Saudade do tempo em que essas saudades
É que se amagotavam no Reino da Saudade
Pois, mais recentemente,
Sente-se saudade:

De abraços e beijos
De trabalhar de tênis/sapato
E deixar a pantufa guardada – para as ocasiões especiais
Dos velhos vírus de outrora
Que não eram chamados de “novo”
Daquele singelo conselho, uma espécie de equação,
Que o médico proferia em tom solene: “vitamina C e
cama”.

Quando ninguém sonhava com partidários da cloroquina
E sequer se falava em vacina
Era só seguir a fórmula que o vírus cumpria seu ciclo
E quem morria era ele
E, para quem recorria a remédio,
Sempre tinha aquele tio para dizer que era frescura
Saudade de gripes que eram motivo para tomar chá da vó,
Para maratonar a série favorita – ou ver sessão da tarde
E se ganhava atestado e tudo,
Nem contava como falta
E sempre tinha um vovô mais ranhento que a gente
E ele se curava também
E a vida seguia...

Saudade de encontrar um conhecido na rua
E perguntar: “Como é que tá?”
E ouvir a boa e velha resposta: “Na correria, como
sempre!”
Saudade do constrangimento de pegar o elevador com um
estranho,
Dizer bom dia, ou boa tarde/noite
E subir/descer acompanhado aqueles eternos segundos
E com direito àquela palavra de bom augúrio, em caso de
espirro –
em vez de uma cara de pânico

Ah, o antigo normal era tão bom!
E a gente não sabia

Luciano Izidoro de Borba

Tombos – MG



Luciano Izidoro de Borba, nascido em Minas Gerais, é servidor público estadual. Possui mestrado na área de educação; especialização nas áreas de administração e educação; e graduação nas áreas de administração, economia e história. Apreciador de textos em verso, é autor de vários poemas.

Pai-Mãe-Vida

Estrela luminosa, mãe de todos os sóis
Sol central, pai de todos nós
Eterna luz, mantenedora das vidas
Curai todas as feridas!

Fonte cristalina geradora dos mares
Semente fértil formadora dos pomares
Adubo rico para almas pobres
Tornai as essências mais nobres!

Rainha do jardim, flor perfumada
Néctar puro, pétala dourada
Ímã dos colibris, encanto das abelhas
Iluminai as divinas centelhas!

Enigma dos templos e predição dos profetas
Melodia das esferas e inspiração dos poetas
Alquimia dos sábios e luz para os cegos
Eliminai todos os egos!

Aqui ou lá

Vida, aqui ou lá
Uma luz a nos guiar
Um caminho a trilhar
Barreiras a superar

Vida, aqui ou lá
Um vazio a iluminar
Uma estrela a brilhar
Um sino a soar

Vida, aqui ou lá
Uma dor a estancar
Uma consciência a brilhar
Uma fonte a inspirar

Ah, aqui ou lá
Vida a pulsar
Um pássaro a voar
Um céu a alcançar

Ana Crística Melancieri Simão

Bauru - SP



Ana Simão. Nascida em Bauru, professora da Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Bauru, pedagoga formada pela Unesp Bauru e pós-graduada em Literatura Infantil. Participou da Antologia da Oficina de Produção Literária, organizada pelos grupos literários Expressão Poética e Sociedade Amigos da Cultura, e da Antologia de

Escritores Contemporâneos volume 12, pela Editora Ações Literárias.

Conservando

Há um largo caminho à nossa frente,
mas perdemos a habilidade de enxergá-lo.
Só vemos uns aos outros e seus padrões;
continuamos sendo os mesmos membros
de uma grande colônia tola.

Continuamos mergulhados
em todo o plástico, embalado e pronto
das convenções sociais.
Aceitações e submissões diárias,
sorrisos de pontuação,
frases prontas,
cumprimentos treinados.
Somos comuns. Invisíveis.
Seguindo o roteiro. Fazendo silêncio.

Havendo em algum momento
o desejo de quebrar a engrenagem,
tomamos remédios
ou algo que anuvie essa perturbação.
Temos vergonha. Nos controlamos.

Escondemos o nosso extraordinário,
nos envergonhamos dele.

Marchamos em direção à velhice
repetindo tudo o que já foi dito
e reproduzindo tudo o que já foi feito,
nos orgulhando disso.
— A morte é a única evolução possível
para o que nunca se sentiu
desconfortável no seu paradigma.

Cuidados de família

— Abre a porta, pai. Sai desse quarto. A gente tá aqui fora esperando pra te ver.

— “A gente” quem?

— O Fábio, o Juninho e eu. Vem, eu trouxe bolo e salgados. Hoje é seu aniversário, poxa.

— Agora é quarentena! Quarentena! Vai embora!

— Pai, a gente fez o teste da farmácia antes de vir. E podemos ficar de máscara se o senhor quiser. Não tem perigo. Sai desse quarto, por favor.

— Não, senhorita! Eu tô em quarentena! Eu sou do grupo de risco, quer me matar? Tenho que ficar sozinho!

— De verdade, pai, não tem perigo. Posso até voltar a limpar a casa, cuidar das suas roupas e cozinhar pro senhor. Eu sei de tudo o que o médico proibiu o senhor de comer. Posso voltar a te acompanhar ao médico, ir ao mercado e à farmácia pro senhor. Volto a trazer o Juninho pra fazer companhia. Ele está com saudades do vovô, não é, Juninho? – o menino, que pulava no sofá, permaneceu alheio à fala da mãe – E o Fábio tá aqui, coitado. Veio correndo lá do escritório, só pra te ver.

— Boa noite, senhor! Trouxe as fotos da minha última pescaria no Mato Grosso. Foi uma beleza! Olha aqui o trairão que eu pesquei!

— Ninguém quer ver essas fotos, janota. Cai fora! É isolamento! E manda esse menino parar de arrebrantar o meu sofá, merda.

— Pai, se o senhor não abrir a porta, a gente vai ficar muito triste.

— Vai tudo pra casa do cacete!

A filha e o marido rumam à saída, visivelmente chateados, carregando pelos braços um menino enraivecido, que não queria parar de pular no sofá. Saíram, trancaram a porta e fez-se silêncio.

Só então o senhor saiu do quarto, foi até a mesa e serviu-se do bolo que a filha deixara, muito satisfeito. Aquela quarentena era dele, e ninguém iria roubá-la.

Fernando Jorge dos Santos Farias

Altamira – PA



Prof. Dr. Fernando Farias é cronista, acadêmico correspondente da Academia Igarapé-miriense de Letras e Professor Adjunto II da Universidade Federal do Pará, campus Altamira. E-mail: ffarias@ufpa.br

O fio e os rastros

O destacável crítico Davi Arrigucci Jr. comenta em *Fragmentos Sobre a Crônica* que Rubem Braga era mestre em dizer algo quando não se tinha o que dizer. Ante a insignificância do acontecimento, o velho Braga erguia uma *narrativa enroscada em torno do fato fugaz, para dizer a poesia do perecível.*

A situação nossa de cada dia parece dificultar o trato de coisas miúdas, interessantes, ainda que para muita gente, irrelevantes. A pandemia instaurada pela Covid-19 inseriu em nossas vidas outras possibilidades e realidades. Uma delas é o uso das redes sociais virtuais para se fazer presente, estar *in loco*, observar e refletir sobre questões menores do cotidiano. Quem utiliza WhatsApp com frequência sabe muito bem do que falo: você confere a esbórnica no *status* do colega que comemorou o aniversário sem máscara, acessa a matéria sobre a mudança de sentido da rua, silencia o grupo que somente posta obscenidades, constata a incoerência religiosa da vizinha que briga com o bairro inteiro, ri do *meme* elaborado diante de mais uma derrota do time rival... nos tabloides virtuais, temos! para todos os gostos.

Os múltiplos assuntos e pontos de vistas, apresentados nas comunidades virtuais, se observados com alguma sensibilidade, podem ofertar outras perspectivas, outros entendimentos. Com certo exagero e incoerência, diríamos que é possível encontrar algo parecido com as surpreendentes camadas reveladas no famoso quadro *Monalisa*, de Leonardo da Vinci... Em meio a tanta

informalidade oferecida pelo mundo virtual, há um ou outro grupo que você sente realização em fazer parte. E quando você menos espera está lá, um link com uma crônica do respeitado João Carlos Pereira. De imediato eu cliço: <https://fauufpa.org/2020/07/27/a-arara-que-a-cidade-maltratou-por-joao-carlos-pereira/>

O texto, já em seu título, realiza sua vocação de *dizer a poesia do perecível*. Em *A “arara” que a cidade maltratou*, João Carlos Pereira tece com maestria – como lhe é habitual – suas lembranças alusivas ao ano de 1968/9 quando percebe, pela primeira vez, uma velha senhora sempre arrumada a andarilhar pelo centro de Belém, apelidada de *Arara, infeliz apelido, nascido da semelhança de seu nariz com o bico de uma arara*. A mulher, descreve João Carlos Pereira – precocemente aposentada, com o passar dos anos seguia mais idosa, corcunda e acompanhada da filha, Severa, e o neto, Canindé, *uma criança muito branca, de pernas compridas, cabelinho liso, cara sempre assustada...*

Esse último dado me chamou atenção. Agora um *link* se abria em minha imaginação. A imagem de uma criança na companhia de uma vó azucrinada por um apelido e, posteriormente, sua mãe, com a também irritante alcunha de *Ararinha*, ficaram plasmadas em minha mente. Imaginem vocês, caros leitores, as condições dessa criança que no decorrer de sua idade era anunciado como *Periquito*. Minha curiosidade ficou mais aguçada ainda quando foi revelado no próprio texto que Canindé, ainda menino, desfiava uma série de palavrões ao entrar no ônibus, repetindo o destempero da avó, mas que, já adulto, chegou

a ser *Secretário de Cultura de um município do interior e se tornara escritor, com obra premiada e tudo.*

Com as sobranceiras descaídas minha mente indagava: mas como? como que isso aconteceu? ainda que sua vó tenha sido uma *mulher elegante, fina, culta, que falava e escrevia muito bem* antes dos possíveis problemas mentais, e seu avô um influente médico, as condições materiais do garoto, pelo menos aquelas que se deduz, não dariam algo diferente de um *Amarelinho*, de Ganymédes José. O fato é que a história ficou latejando em mim. Muito pela competência com que João Carlos Pereira a construiu, muito por achar que ali residiam outras grandes histórias...

Decidido, abandonei o celular e liguei o computador. Ao acessar o Facebook, me deparei com a crônica, repostada por uma amiga. Volto a ler, com aquele fervor enganativo que o final seria alterado: não foi. Pelo menos por enquanto. Na busca de algum indício, corro para os comentários (essa parte eu adoro). É ali que muito dos vestígios dessa matéria palpitante e indefinida, que insiste em me instigar, reside. Começo a ler um por um e eis que uma das pessoas comenta: *o neto dela é o Francisco Canindé, servidor público concursado em Curuçá.* Pronto! Minha cabeça intensificou as especulações em torno do neto da ex-professora. Abro nova aba, para pesquisar no *Face*, e lá estava o menino, agora um homem, abraçado a uma mulher. Deduzi ser sua esposa. Propus amizade. *Eu preciso conversar com essa pessoa*, dizia pra mim mesmo. Se considerarmos a conjuntura vivida em sua infância, registrada na crônica, em Canindé está um possível exemplo de pessoa que se tornou o improvável, algo

semelhante ao que Bourdieu chamou de *trânsfuga de classe*.

Na impaciência de ainda não ter resposta, lembrei que no grupo de *zap* da família, alguns parentes residem em Curuçá. Sem qualquer cerimônia, respondi com um *joinha* ao último *boa noite* e apresentei minha demanda. Dez minutos depois recebo uma ligação de uma tia entre risos e falas: *tu queres falar com o Canindé é? O neto da Arara? Ele é nosso cliente, acabou de sair daqui, faz alguns minutos...é gente boa, vai adorar conversar contigo...*

Leitores, apenas aguardem! Com o baixar da curva da pandemia, me toco para Curuçá. Um dado curioso que acabei de obter, e que apresento agora, está da *Parte II* da crônica, publicada dias depois (<https://fauufpa.org/2020/07/30/arara-que-a-cidade-maltratou-parte-ii-por-joao-carlos-pereira/>).

Em outra narrativa, apresentada pela cantora Fafá de Belém, nessa segunda parte, chega-se à revelação de que a origem das perturbações da profa. Graziela reside na relação com o sedutor *Ferrúcio Godofredo Pimentel, coronelão, ex-prefeito de Santarém Novo nos anos de 1950/1960 e fiscal do INSS*.

Mas essa questão, tão interessante quanto à trajetória de seu neto, é matéria que faço questão de colher ao vivo, e contar futuramente.

Luciani Aparecida Nascimento
Mariano

Mogi das Cruzes – SP



Nascida em Mogi das Cruzes, em maio de 1971, filhada casal simples da roça, Santino e Maria de Lourdes. Professora por opção e escritora por paixão. Hoje, mãe de Camila e Gabriel, presentes de Deus.

A vida passa.

A vida passa...
Passa, mas não muda...
Não muda, mas continua...
Continua, mas não satisfaz...
Não satisfaz, mas eu insisto...
Insisto, mas não concluo...
Não concluo, pois tenho medo...
Tenho medo, não me arrisco...
Não me arrisco, me arrependo...
Me arrependo, volto atrás...
Volto atrás, sou cauteloso...
Sou cauteloso, mas exagero...
Exagero, perco a chance...
Perco a chance, mas recomeço...
Recomeço, desiludido...
Desiludido, enfraqueço
Se enfraqueço, me desespero...
Me desespero, entristeço...
Entristeço, logo me entrego...
Me entrego e desisto...
Desisto.
A vida passa...

Jacinaíla Ferreira

Sinop – MT



Professora efetiva na rede estadual de ensino, SEDUC/MT Graduação em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso, pós-graduação em Docência do Ensino Superior. Escritora de poesias e contos, já participou de doze antologias e recentemente participou juntamente com seis escritoras negras mato-grossenses da obra *Rasuras Negras*, autora do livro

Nuances. Mestranda em Letras pela UFRN/UNEMAT campus de Sinop/MT.

Notícia na TV

É possível se ver
Timidamente rever
O ataque a democracia
Resistência
Harmonia entre poderes
Manifestações antidemocráticas

Sarcástica
Regressão
Volta ao passado
Descontínuo
Descortinado
Direitos roubados
Quem antes protegia
morre.
Do vírus?

Sim, foi a pandemia
Racista
estruturalista
Desigual...

Asfixia de séculos
Eu não posso respirar
Vamos fazer diferente
A vida dos negros importam

Parece até uma visão
Negros e brancos
se ajoelham no chão

Espelham-se face a face
Coração com coração

Ouço um estrondo
Toque de recolher...
Pessoas detidas
Que não se pode conter...
Casa Branca em protesto
Fica escura,
negra...
preta,
Feito noite
Sem estrelas
Envolta em escuridão...

Extrema esquerda?
Só queremos justiça!
Violência?
Como assim!?
A guerra continua
Não chega nem perto do fim.

O estrondo ecoa...
Vou colocar milhares
pra “acabar com destruição”,
atos de terrorismo?
Como assim!?

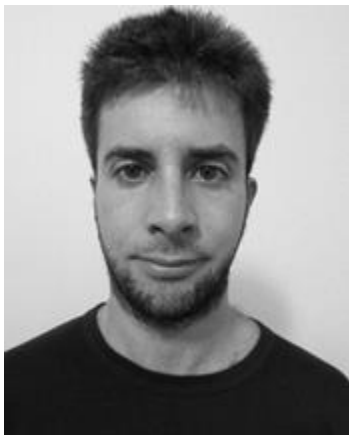
As manifestações
Se repetem...
em várias cidades do país...

Vai se espalhar pelo mundo...
Mais alguém se ajoelha
Não é conivente a barbárie

Recolham-se
Agora
E continuem respirando.
Coloquem suas máscaras
Evitem o vírus!
Quais deles?
Os dois,
Principalmente aquele
Que não permite
Respirar.

Pedro Panhoca da Silva

Americana – SP



Pedro é doutorando inscrito no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). É autor do livro *Traumas e Tabus*, editor e colaborador da revista *Legendary Art Magazine* e colaborador mensal da revista *Alarums & Excursions*. Gosta de estar fora de moda.

Cena de morte

Trancado num quarto de moquifo
em Américo Brasiliense
recortando células visivelmente
escorrem do meu corpo

A janela entreaberta
oferece-me um feixe de luz
mostrando-me, da pior forma,
a reunião do cinza, vermelho e bege

Um caleidoscópio-relógio
cronometrando o tempo de tudo que resta
O marrom da mobília
A alvura dos limites trigonometricais

A sentir, ainda,
um sinestésico odor fecal
de quem acabara de criar
mais uma peça única

Será que no redemoinho dos 15 litros, acionado,
minha dignidade cede à higiene?
acho que minha covardia
é a verdadeira protagonista deste teatro decadente.

Jaílson França

Jaboatão Dos Guararapes - PE



Nasceu em Orobó, agreste pernambucano em 1978, e desde a adolescência somente escrevia para apreciação próprio. Mas, depois de muitos anos, incentivado pelo filho, que teve acesso aos seus manuscritos engavetados, resolveu permitir a inscrição de alguns dos seus textos em variados projetos literários, e depois de ter sido selecionado para participar de alguns, tomou gosto pela empreitada,

e desde então, não pretende mais parar. Portanto, expõe mais uma de suas composições nessa coletânea, e anseia pelo contentamento dos leitores dessa magnífica obra.

Publicou textos em antologias recentes como: Viés da Alma, Poemas Contemporâneos, Metropolitanos 2019, Mensageiros do Amor, Noite Feliz, 40 Graus de Versos, Fruto do Teu Ventre e Só Queria Te Dizer.

O Estranho

O relógio tocou ensurdecidamente. O sol sorrateiro invadia o ambiente pelas frestas e parecia alto. Ao abrir os olhos Severino sentiu os primeiros golpes de uma ressaca braba. A cabeça doía como se tivesse sido atingida por uma pedrada. Esfregou as mãos pela cara e sentiu a aspereza da barba falha que brotava. Apalpou a cabeça e a sentiu oca como uma coité seca. A boca amargava tanto que parecia estar mascando um chiclete diet de jiló.

– Maldito cigarro! – Esbravejou.

Silenciou o relógio bruscamente e passou ligeiramente os olhos nas horas, estava atrasado novamente. Pensou que desta vez o patrão não iria perdoar. Levantou de um salto, mas a cabeça o fez girar forçando-o a se apoiar para não cair.

– Nunca mais eu bebo. – Resmungou como sempre fazia em cada amanhecer depois de uma noite.

Apressou o passo na direção do banheiro, cruzou debaixo do chuveiro e em um segundo já estava molhado tentando entrar nas calças às avessas pelo uso do dia anterior. Pronto, estava arrumado e amassado, mas naquela hora não poderia melhorar. Correu pela cozinha e entornou o resto do café da garrafa naquele único e mísero copo, e virou num gole só:

– Mas que diabo frio! – Xingou arripunado.

Conferiu o relógio novamente e saiu correndo para tomar o transporte de costume até onde trabalhava. Chegou ao ponto e por horas esperou pela condução que não passava.

– Oh, segunda-feira abençoada...

Notou que o ponto estava vazio. – Seria feriado? – Pensou, mas instantaneamente concluiu que não. Logo

começou a observar que as poucas pessoas que por ali transitavam o olhavam esquisito, cochichavam entre si e o apontavam. Ficou desconfiado e começou a se analisar: olhou nas roupas, nos sapatos, deslizou as mãos sobre os cabelos, olhou em volta... Nada parecia estar errado, mas continuavam com os olhares suspeitos em sua direção.

– E mais essa agora... Cadê a condução que não chega? – Por um instante percebeu o quanto falava sozinho.

– Droga! Patrão vai me matar.

Severino já estava muito inquieto e preocupado. Procurou o velho celular no bolso e de pronto digitou um número apressadamente que o som das teclas compôs uma melodia pitoresca preenchendo o silêncio daquele lugar. Telefonou para a portaria do serviço por inúmeras vezes, mas não foi atendido. Parecia que ninguém estava lá.

E agora? Aquele homem já havia perdido o dia. A lotação não passava, o estômago roncava, a cabeça ainda doía e as pessoas lhe olhavam... Resolveu voltar, e pra se curar foi até o botequim da esquina, pois acreditava que o remédio para uma ressaca era beber mais. Mas, para a sua surpresa estava fechado. Então seguiu para o bar do Heleno...

– Danou-se, está tudo fechado? – Se perguntou desconsolado e se dirigiu a um flanelinha que cabisbaixo descansava apoiado em um poste: – Greve de ônibus hoje?

– Que nada. – Respondeu ele. – Essa tal de pandemia está acabando com tudo, está tudo parado, tudo fechado... – Calou-se por um instante e continuou. – Num tá dando nem pra ganhar os meus trocados.

Severino ficou mudo e rebuscou na mente as falas que da televisão tanto ouviu, mas que não escutou, pois achava que era tudo dramaturgia. Nunca compreendeu o assunto porque simplesmente não procurou entender,

apenas levava a vida de sempre, que considerava boa e normal: trabalhava, bebia, dormia... jogava. Não faltava dinheiro, mas também não sobrava. Vivia só e ninguém lhe cobrava, somente o patrão que algumas vezes se chateava, mas Severino contornava e a vida fluía. Amigos de verdade ele não tinha, mas também não ligava; quem precisava deles? O Fulano, o Sicrano e o Beltrano que lhe acompanhasse em uma farra, já bastavam.

De repente o homem ficou sisudo, e novamente observou que as pessoas que por ali passavam olhavam pra ele com desprezo, ou até mesmo com nojo. E passavam todos disfarçados, mas demonstravam apatia nos olhares. Severino até se cheirou e novamente se analisou, e procurando entender, passou uma mão nos cabelos deslizando pelo rosto e subitamente ficou totalmente envergonhado, se sentiu completamente nu. Estava desprovido do paramento que todos acreditavam ser fundamental e necessário para sanar ou encobrir o problema do momento.

E naquele instante, Severino se enxergou excluído do mundo. E lhe bateu um ressentimento devastador: se tivesse escutado os apelos da televisão para usar a bendita máscara, não estaria se achando tão diferente. E retornou para casa enquizado e rechaçado, e lá se fechou em seu mundo normal, porque lá fora tinha se sentido um estranho e dentro de casa seria apenas mais um solitário, que refletiria para um novo recomeço e tentaria um novo desfecho no dia seguinte.

Vilson Roque Bocca

Sinop - MT



Vilson Roque Bocca, casado, pai de duas filhas. Tem 55 anos. Residente em Sinop desde 1991. Formado em Letras e Direito. Foi professor de ensino fundamental e médio. Atualmente é advogado militante na Comarca de Sinop-MT.

Do Outro Lado da Pandemia

O dia chegou úmido. A Chuva que caiu pela madrugada e por uma boa parte do dia, deu o tom de mais um dia sombrio, nebuloso, não só pela chuva, mas pela situação de isolamento social que nos é imposto pela pandemia que vivenciamos.

Depois de vários dias sendo bombardeado por informações sobre a COVID 19 e suas nuances, hoje decidi fazer diferente.

A gama de informações a que todos estão expostos, atualmente, com a pandemia, não tem feito bem a muita gente, e comigo não é diferente. Então decidi renunciar, ainda que por um dia, e tirar um tempo para refletir e escrever. Não que isso signifique ignorar o problema. Sou sabedor que a questão é séria, que tem que adotar os cuidados necessários e, de uma forma geral, tenho consciência da situação e tento fazer a minha parte.

Ocorre que resolvi me dar uma oportunidade de experimentar algo, senão novo, mas um pouco diferente do que tenho feito nesses turbulentos dias. As informações, algumas desconstruídas, só fazem aumentar o problema, haja vista que há pessoas que não tem o necessário discernimento para lidar com tão grave e indefinida situação e, por diversos motivos estão adotando abordagem nem sempre recomendada.

Entendo que todos nós, em algum momento de nossas vidas, precisamos “parar” e reavaliar nossas condutas, nosso modo de ver, ouvir e pensar a realidade que nos cerca.

No momento pelo qual passamos, em que o isolamento nos é imposto, para salvaguardar nossa integridade física, para muitos tem sido uma experiência nada agradável, haja vista que habituados à correria do dia

a dia, o contato com as pessoas, seja no ambiente de trabalho, na escola, nos eventos sociais, e até mesmo dentro da própria casa, tem ditado o ritmo de suas vidas.

Entendo que momentos difíceis não são de todo ruins. São necessários para nosso crescimento pessoal e espiritual que são capazes de forjar nossas crenças e derrubar paradigmas. O que esse momento mudará em nós? “Há males que vem para bem”, diz o dito popular. Vivemos de tal forma atribulados que “não temos tempo” de parar para descansar o corpo, sequer a mente.

Momentos de dificuldade nos mostram o quanto somos frágeis, apesar de, muitas vezes, arvoramos em desproporcional autoconfiança em nós mesmos. Recolher-nos em nossa insignificância diante do universo de coisas visíveis e invisíveis, pode significar o divisor de águas entre o sucesso ou fracasso de nossas vidas.

Por isso, é de vital importância que tenhamos um tempo de “isolamento”, seja voluntário ou imposto, para que possamos organizar nossas ideias e ideais; propiciar momentos íntimos para “encontrar-nos conosco mesmos”; reavaliar atitudes, projetos, repor energias, redefinir nossa “rota” estabelecer relações de onde partimos, onde estamos e onde queremos chegar. Isolar-se também pode ser oportunidade de “romper com estruturas autoescravizantes”.

Ainda que nosso isolamento momentâneo pareça egoísta, já que devemos evitar contato com o outro, por mais contraditório que possa parecer, é motivo de solidariedade, haja vista que teremos a oportunidade de auxiliar a outrem que possa estar em situação não tão boa; isolar-se, no presente, pode significar que poderemos estar juntos no futuro.

Às vezes é preciso “parar” ou até dar um passo atrás, sem que isso signifique estagnação ou retrocesso, mas sim reflexão e ganhar novos impulsos. Na maioria das vezes corremos desenfreadamente, em busca de nossos objetivos egoístas e, geralmente, não satisfeitos, corremos mais, sempre mais e mais, sem chegar onde gostaríamos.

Quando atingimos alguns objetivos, devido a eterna insatisfação humana, reinicia-se a corrida e o círculo vicioso dá o tom de nossas vidas. Irvin D. Yalom, retrata bem essa insatisfação quando diz: “Portanto, o que é a vida senão um ciclo infinito de querer, satisfazer, entediarse e depois querer de novo?”

Parar é necessário para ver se não estamos girando somente em volta de nosso “querer”. Muitas vezes, giramos, giramos e acabamos sempre no mesmo lugar, insatisfeitos, frustrados, amargurados. É preciso “parar” para repormos energias, reavaliar nossos objetivos, reabastecer nossos suprimentos, verificar nosso nível de “combustível” de acordo com o que resta da jornada.

Nenhum alpinista atingirá o cume do monte numa só investida. Antes de tudo terá que se preparar, tanto física como psicologicamente; planejar cada passo de sua empreitada; os possíveis contratempos e tudo o mais que necessitará para atingir seu objetivo. Nem por isso diminuirá o mérito de sua chegada.

Assim somos nós. Após anos de caminhada, é preciso de tempos em tempos, reavaliar condutas. Quantos de nós não teríamos tempo de parar e reavaliar que muitas vezes substituímos nossos valores sadios por hábitos doentios. Preparamo-nos para lutar contra inimigos visíveis, e esquecemos dos inimigos invisíveis, que em tese são piores, haja vista que não os avistar significa que

poderemos ser atacados de surpresa, haja vista que nos atacam “de dentro para fora”.

Aos poucos vamos tendo a oportunidade de nos despir de nosso egoísmo e descer do alto de nossa enganadora autossuficiência.

É certo que se soubermos aproveitar esse momento de extrema vulnerabilidade pelo qual atravessamos, ressurgiremos mais fortes, “do outro lado da pandemia”.

Marcelo Aparecido Da Silva

Cajamar - SP



Professor em uma escola municipal. Participou em 1999 da II Jornada Científica sobre Crescimento Populacional: condição econômica e da III Jornada Científica sobre Metafísica pelo Centro Universitário São Camilo. Tem publicações no jornal Resistente em 1999 - O abandono do Parque Paraíso - e no jornal Ação e Cidadania em 2000 - Saúde: educar e prevenir para dignidade humana. É autor das obras "Flauta na sala de aula" (Caderno Relatos da Prática, em 2012, Proposta Curricular de Cajamar), Escola sem Muralha -um sonho de amor e "Leitores e leituras: sequências didáticas de professores" ambos pela editora Porto de ideias.

Crônica: Conectados e despertados

A primeira pessoa a que vi reclamar da lousa fria, carteiras duras e muros altos foi a professora Maria. Não esqueço seu rosto jovial numa boa simetria, elegante e carinhosa. Dizia que o cenário compunha-se da estrutura arquitetônica do século XIX, num misto de professores do século XX e alunos do século XXI. Lidava bem com essa desarmonia, utilizando dos avanços tecnológicos que ultrapassam os muros e as grades da escola, despertava até os alunos desconectados do mundo físico. Sobretudo com o manuseio da lousa digital. O simples toque do dedo mágico da professora Maria, encantava os quatro cantos da sala de aula.

Os olhinhos acompanhavam a simulação digital, a multimídia ou apresentação no power point. Uma aula perfeita para os alunos contemporâneos, nem sentiam a dureza da caneta e nem da cadeira muito menos da muralha que os cercava.

A professora Maria, dominava mesmo o aparato tecnológico. Na aula a turma fazia silêncio como antigamente, na época do militarismo. A diferença é que quando ela adentrava a interação fluía literalmente; professora e alunos, colegas e alunos numa organização barulhenta, mas respeitosa.

As atividades interativas ocorriam na lousa digital com direito a imagens 3D com som estéreo, tudo mediado pela professora que contava com participação especial dos alunos. No momento em que se dirigiam empolgados a lousa digital. Escreviam nela por meio de um teclado virtual e decidiam se utilizariam uma caneta especial ou com o dedo, já que a lousa lê ambas as formas. A resolução de problemas era feita com gosto, propostas que tinham sentido, eram desafiadoras, proveitosas e resolvidas.

A profissional retomava com facilidade as aulas anteriores como um ponto de partida e inseria novas aprendizagens. Proporcionava um tempo suficiente para fazermos anotações significativas. A clareza da lousa digital ajudava dar luz para realização das atividades. Bastava a professora explicar uma vez e todos entendiam as explicações. Talvez devido à interação promovida e amparada pelos recursos que ganhava trajetos regados de cores, som, movimentos e a doçura da professora Maria.

A felicidade me possuía naquele momento, como quando um medicamento poderoso principia a agir e nos tira uma dor: de não precisar ficar estudando tabuada, achar o máximo divisor comum, decorar datas comemorativas, nomes de montanhas, que nunca escalei nome de mares que nunca naveguei, copiar textos longos que nunca li.

Assim ficou impressão digital dessa professora, pois ela nunca soube onde cessou sua influência, mas cutucou minha alma a ponto de pensar que estava apaixonado. Seu olhar meigo, voz baixa e macia; tornou-me numa alma conectada e despertada.

Jeferson Ilha

Santa Maria – RS



Ator e professor com formação em Artes Cênicas e Pedagogia, ambas pela UFSM (Universidade Federal de Santa Maria) e Especialização em Gestão Escolar pela UCDB (Universidade Católica Dom Bosco). Trabalha com a Cia Retalhos de

Teatro de Santa Maria desde 2006 e como professor de Educação Infantil e Anos Iniciais do município de Santa Maria desde 2018. Como poeta, teve seus primeiros 8 poemas publicados em concursos literários tendo outros já selecionados para publicação até o final de ano de 2020. As artes sempre fizeram e fazem parte do seu ser, de uma forma ou de outra.

Vertigital

Dispositivos em tela reorientam a ordem das coisas.

Criando desilusões destemporais e inespaciais.

Vertigem. O que parece não é.

As noções de ser e estar são substituídas.

Digitar, arrastar, deslizar, digitalizar...

Reverter as lógicas-ilógicas aprisionando os sujeitos,

Para se perderem em si mesmos

Em sua nova interface: desvirtude virtual.

Vertigem virtual: vertigital. O virtual desvirtual. Viral.

O não ser que toma posse do ser

Para enaltecer o que não é. Produzir capturas.

Capturar a atenção e aprisioná-la no infinito...

A ilusão da escolha se transtorna em prisão da vertigem.

Daquilo que se acha que é, mas que já se perdeu...

Frederico Trindade Teófilo

Comodoro - MT



Nascido em Ji-Paraná - RO, licenciado em Matemática pela UNIR (2009), especialista em Ensino da Matemática pela FACIMED (2013), mestre em Ensino de Física pela SBF/MNPEF/UNIR (2020). É escritor e poeta desde os 12 anos de idade. Trabalha com números, mas adora as letras.

De qual lado estou

Nem direita, nem esquerda, tão pouco ao centro
Às vezes por cima, tentando entender;
Às vezes por baixo, por nada compreender.

Olhando pro norte, fugindo da morte
Quebrando a oeste, correndo da peste;
Em fuga para o sul, evitando ficar nu,
Subindo para o leste, para não ser um cafajeste.

Para o zênite olhando,
Mas não se esquecendo do nadir
Pra frente andando,
Mas sem saber pra onde ir.
Sem vértice, sem azimute,
Nem horizontal, nem vertical
No momento desorientado
Mas certamente imparcial.

Luísa Teixeira Novaes

São Paulo – SP



Luísa Novaes é Baiana da Cidade de Vitória Da Conquista, Graduada em Pedagogia, Especialista em Alfabetização e Educação Especial, Estudante de Letras e atuante na área da Educação. Mora em São Paulo, cidade que a acolheu por sua diversidade cultural e hospitalidade. Iniciou suas publicações no ano de 2016 com a poemas através da Editora Círculo Soturnos onde desenvolveu um laço presente até hoje, fez publicações em outras editoras bem como a Edições e Publicações publicando também seus poemas. Em 2018 estreou como contista e desde então continua produzindo escritos de gêneros diversos tendo maior desenvoltura no Gênero terror. Atualmente é Colunista da editora Emcontos onde tem também vários trabalhos publicados, escreve em seu Blog Lupoetizando e Literahorrorgeek, está com o seu Livro Solo em fase de término.

Você.

Você e o mais puro e belo sentimento
Que pude um dia viver,
A mais bela melancolia infinita dor.
Veze inexistentes, veze presente.
Mas sempre existente amor.
Paixão que por toda vida verdadeiramente
vive no meu coração.

Você faz me cultivar a melhor parte que
existe em mim, es minha rica e preciosa porção
Magica, minha fortaleza, eterna beleza.
Em meu peito trago a anulada angustia,
Visível e invisível que a distância crava a cada minuto
vivido.

o tempo passa, e a cada minuto o relógio marca,
A distância nos separa, mas o amor nos une.

Os corpos estão distantes do nosso arco-íris de cores
mágicas e inigualáveis, sempre presentes na
tela da memória, na obra de arte pintada a dedo, guardada
a sete chaves e mantida em segredo.
O nosso amor e valioso e na arte de amar somos artistas
ímpar.

A Paz do Girassol

Neste amanhecer tão belo
Entre todas as flores, do meu jardim.
Existe um girassol amarelo
Que vem ressurgindo
Com um novo dia!
Trazendo consigo
Seu delicado perfume e cor vibrante.
Assim como esperanças
E oportunidades
Para novas esperanças, novas expectativas.
A tua cor é tão bela
Revitaliza a inquietude
De todos os corações ainda acinzentados.
Tua cor colore o amor, exala a paixão e traz nela a magia e
a brandura de quem procura, traz para a alma a paz e a
cura.

Símone de Sousa Naedzold

Sinop – MT



A Professora, poetisa e contista Simone nasceu em Imaruá, Santa Catarina, em 1973. Reside em Sinop, Mato Grosso, Brasil, desde 2002. É graduada em Letras – Línguas Portuguesa e Espanhola e respectivas literaturas pela Universidade Federal de Santa Catarina – (UFSC, 2001);

Especialista em Didática do Ensino Superior pela Universidade de Cuiabá (UNIC - Sinop, 2006); Mestra em Linguagens e Letramentos pela Universidade do Estado de Mato Grosso (ProfLetras, UNEMAT – Sinop, 2018); Doutoranda em Linguística PPGL (UNEMAT – Cáceres, 2020);

Leitora e estudiosa dos mais variados assuntos relacionados às línguas, literaturas e culturas entremeados pelo fazer científico. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa ‘Educação e Estudos da Linguagem’ – GEDEL, no Projeto de Pesquisa ‘Questões Urbanas em Linguagens’ (QUEL). Participa de movimentos de estudos e análises ligados à educação tanto estadual (Documentos de Referência Curricular - DRC) quanto Federal (Base Nacional Comum Curricular - BNCC). Nos últimos anos, dedica-se também a resgatar seus escritos literários e, em 2019, inicia a publicação dos mesmos. É membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras - ASCL, cadeira 33, Patrono: Santiago Villela Marques.

Lembrando Khlebnikov

Entendi de muito cedo
Que a Pátria da criação
Está no futuro incerto
E de lá indica ação

É de lá que o vento vem
Sempre em momentos vãos
Trazendo sempre consigo
Os genes da mutação

Enviando os deuses verbos
Artigo e preposição
Vai colocando na mente

Palavra, frase, emoção
Para o presente que escreve
Libertar a imaginação

A língua

Regida pela corrente
Falada por toda a gente
A língua assume sua voz
E muda com a idade
Sua especialidade

Na lei da repartição
Os sinônimos se despedem
Cada um vai pro seu lado
Mudam sempre a direção

A intervenção humana
Consciente e refletida
Sempre buscou com carinho
Encontrar uma saída

O povo é que sabe bem
Sua língua conservar
Mudam conforme a lida
Os costumes do lugar

E se duas palavras lindas
Com sentido muito igual
Vão mudando pela língua
O valor original

Mas deixam rastro, sinal
Que ninguém nunca se esquece
Ou as duas se bifurcam
Ou uma desaparece

A escrita bem se sabe
Levou a significação
Ainda mais longe
De cada palavra ação

Josafá Paulino de Lima

Campina Grande – PB



Poeta, sociólogo, artista plástico. Tem publicado contos e poesias em todo Brasil. Tem sido selecionado e premiado em certames nacionais e fora do Brasil. Exemplos relevantes são o troféu Barriguda obtido no FEMUP de Paranaíba-PR; 2º lugar no Concurso Roberto Tonellotti/2016; 1º lugar no Concurso Nacional de Poesia do

SESC/Piedade-PE e tantos outros. Recebeu o título de Embaixador da Palavra, conferida pelo Museo de La Palabra e pela Fundación Cesar Egido Serrano de Madrid – Espanha/2017.

Sonhos de pedra e cal

Vou beber nos alicerces
Os cálices de pedra e sangue

Vou beber entre os tijolos
As ligas de baba e dor

Vou lambar entre os cuvicos
Memórias de sexo e amor

Vou buscar na fresta estreita (entre o quadro e a parede)
Corvos perdidos de Vincent
Antigos assombros de Poe!

Vou molhar as minhas pálpebras
Nas molduras das montanhas

Vou lançar as minhas velas
Nas ondas de sal e sol (e com elas)
Salgar minhas imagens
Com sonhos de pedra e cal.

Jobert Rocha

Niterói – RJ



Economista, M.S. Doutor pela Universidade de Madrid, Espanha. Escritor com cerca de 30 prêmios recebidos em concursos literários nacionais e internacionais.

Hospitais lotados: novo vírus na praça

Com a redução dos casos de Covid 19 no país, muitos Estados da Federação deram início a desmobilização dos hospitais de campanha, montados às pressas para atender aos milhares de casos previstos pelas autoridades e que não chegaram a ocorrer.

Todavia, uma nova doença tem se revelado, fazendo com que os governadores e prefeitos interrompessem bruscamente as medidas de desmobilização já em andamento.

Trata-se de milhares de brasileiros contaminados com fake News (notícias falsas que consistem em uma forma de imprensa marrom que produz e distribui, deliberadamente, desinformação ou boatos via jornal impresso, televisão, rádio, ou ainda online, como nas mídias sociais) contraídos na mídia nacional e que, em estados mórbidos de depressão e com sintomas físicos patológicos de falta de apetite, cansaço, dores de cabeça, pressão alta, etc.; têm buscado as Unidades de Pronto Atendimento – UPAs. Face à gravidade dos casos, tais pacientes têm sido transferidos para hospitais de campanha espalhados por vários Estados da Federação.

O tratamento prescrito pelos médicos consiste em deixá-los em quartos totalmente isolados, sem aparelhos de rádio, TV, Smartphones, jornais, revistas e sem receberem visitas de amigos e de parentes, durante três semanas. Com a gradativa melhora, aos poucos vão sendo liberados para lerem livros religiosos, revistas em quadrinho, assistirem lutas de MMA na TV. Segundo prescrições médicas, só poderão voltar a operar seus smartphones, lerem jornais ou assistirem os jornais da TV depois de transcorrido o prazo de um ano. Dizem os doutores que esta enfermidade pode acometer novamente os pacientes mal curados, razão pela qual o prazo estipulado para ficarem sem receber notícias políticas, econômicas, militares e psicossociais é de um ano.

Alguns cientistas adeptos da Teoria da Conspiração falam na criação de vírus psicológicos que, através das fake News, lesam a psique dos indivíduos, transformando-os em verdadeiros zumbis, em uma operação no âmbito da chamada Guerra Híbrida (estratégia militar que mescla táticas de guerra política, guerra convencional, guerra irregular, e ciber-guerra com outros métodos de influência, tais como desinformação, ações diplomáticas, mentiras divulgadas na mídia e intervenção eleitoral externa via WEB).

Segundo relatos médicos, os pacientes afirmavam terem sido acometidos destes sintomas após receberem, constantemente, através da mídia, notícias de caráter alarmante sobre a situação brasileira. Ora diziam que haveria o impeachment do presidente, ora que seus filhos seriam presos, ora que a equipe econômica pediria demissão, ora que o presidente Trump perderia as eleições norte-americanas, ora que a Venezuela invadiria o Brasil com o apoio da China, do Irã e da Rússia, ora que os mortos pelo Covid 19 já passariam da casa dos milhões.

Muitos pacientes, notadamente os mais sensíveis, ao serem acometidos começam logo a tremer, a apresentar calafrios e sintomas que se assemelham ao do vírus que acomete atualmente o país e o mundo. Como alguns dos sintomas eram bastante semelhantes, muitos pacientes se dirigiram para as UPAs, formando grandes filas. Lá chegando, após a anamnese e os exames realizados, os médicos diagnosticaram esta nova síndrome, que tem acometido a cada novo dia, um número maior de brasileiros.

Profissionais da OMS – Ordem dos Mentirosos e Sacanas, em declaração pública, já afirmaram nada ter a ver com a criação e com a propagação desta nova patologia que acomete os brasileiros e cuja forma de contaminação e de disseminação costuma ocorrer mediante a divulgação de calúnias, embustes, trapaças, balelas, imposturas, burlas e lorotas. Os remédios populares mais utilizados, por aqueles

que não buscam as redes públicas de atendimento e se medicam com remédios caseiros, têm sido a desconfiança, a descrença, a incredulidade e a suspeita, com relação a tudo o que veem, leem ou ouvem através da mídia.

As autoridades, até agora, têm feito vistas grossas para a nova epidemia. Governadores e prefeitos já pediram mais verbas, pois alegam que aquelas anteriormente concedidas para o combate ao Covid 19 já se esgotaram.

Países estrangeiros já ofereceram ajuda, mas fizeram questão de mencionar que montariam suas bases na Região Amazônica, onde parece ser maior o número de casos. As forças armadas, até agora, não se pronunciaram. Talvez aguardem que os casos acabem por se extinguirem sem a necessidade de qualquer intervenção militar.

O STF parece já ter declarado que este tipo de patologia foge à esfera de competência do poder executivo. O parlamento já cogita em uma lei específica que confira à câmara e ao senado o controle das verbas que deverão ser alocadas, impositivamente, para o combate da referida síndrome.

Enquanto isto, milhares, se não milhões, de brasileiros continuam sendo submetidos, diuturnamente, as fake News geradas por empresas, agências de desinformação e de contrainformação, profissionais free lancers, nacionais e internacionais; com o único objetivo de inviabilizar, desgastar, dificultar, atrapalhar, embaraçar e tolher o atual governo e suas ações em prol do nosso desenvolvimento.

Matheus de Jesus Fernandes

Bacabal – Maranhão



Matheus Fernandes é professor de Língua Espanhola no Maranhão, e escritor nas horas vagas. Dentre suas obras publicadas, destacam-se algumas como: "A Educação do Futuro" (Editora Inovar), "Ubiratã" (Clube de Autores) e o (Re) nascer de Deus, recentemente publicado no livro de antologia poética de Lisboa - Portugal pela Helvetia Edições (2020).

REVOADA

O silêncio das primeiras horas da manhã foi irrompido por um grupo de papagaios que sobrevoaram de maneira estrondosa em direção ao céu interminável. O alvoroço das aves despertara aos poucos os moradores do bairro. Amaldiçoando ao barulho rotineiro, Jorge levantou-se aos trôpegos, dirigindo-se à pia para lavar o rosto na água fria, o que produziu um leve tremor e arrepio por toda a extensão do seu corpo. Molhou-se uma segunda vez, agora sentindo a aspereza da barba por fazer que pinicava-lhe a pele. Ouvindo os murmúrios preguiçosos através das finas paredes das moradias laterais, enquanto despertavam e faziam preparativos para o café da manhã, Jorge observava distraído as partículas douradas de poeira que flutuavam no ar, visíveis através do afilado feixe de luz que invadia o quarto umbroso.

Balançando a cabeça como se negasse algo, Jorge esforçou-se para afastar os resquícios de sonolência da noite mal dormida. A garrafa inacabada de bebida embaixo da cama impregnava o quarto com o forte odor do álcool. Preparou o café da manhã, reaproveitando o pão dormido da semana passada e um queijo qualquer encontrado no fundo da geladeira. Comeu o pão duro com o queijo frio, o que requereu mastigadas com esforços além do normal. Ao término, sua mandíbula encontrava-se dormente.

Terminada a refeição, o homem passou os olhos pela mesa abarrotada de inúmeros papéis, panfletos de promoções, dívidas escolares que se acumulavam desde a separação matrimonial, cobranças de atraso no aluguel. Vendo aquela desordem, deixou para organizar tudo aquilo no final da noite, quando retornasse do aniversário do filho que completava oito anos naquele dia. Olhou-se mais uma vez no espelho, fazendo uma variedade de gestos faciais e

observando sua aparência sob diferentes ângulos antes de ir para a labuta.

Ao sair de casa, o calor do sol – que já havia se erguido consideravelmente – aqueceu seu rosto e braços. A temperatura o agradou, diferente do clima ao qual estava habituado dentro da casa com paredes cheirando a mofo e a escuridão que lançava sombras intimidantes por todos os cômodos. Feliz, abriu os braços e espreguiçou-se com energia.

Já revigorado, caminhou saudando os primeiros transeuntes que passavam no outro lado da rua, cumprimentou dona Lucimar, a conhecida vendedora de bolos e cuscuz de arroz, assoviou alegremente para Seu Ribamar que subia pesadamente com sua bengala a avenida íngreme logo adiante. Encontrando uma nota de dois reais amassada no chão, olhou para o céu em agradecimento e beijou o dinheiro sem se importar. Aproveitou para comprar uma maçã com dona Cícera que acabara de abrir a frutaria. “E não é que o dia não começou tão mal...?”, mentalizou Jorge, dando a primeira mordida na fruta, enxugando o sumo que descia do canto da boca com as costas da mão.

Chegando ao local de trabalho, apressou-se em vestir o uniforme, organizou as cartas e diversas outras encomendas empacotadas, dispondo-as em ordens estratégicas dentro da bolsa. Terminando rapidamente a tarefa, pegou a bicicleta, antiga companheira de ofício e já com traços de ferrugem, e preparou-se para o “passeio”, como costumemente dizia para os colegas de trabalho, através dos bairros daquele interior do Maranhão, entregando correspondências e os mais diversos tipos de mercadorias de porta em porta.

Sempre iniciava o dia pelos bairros carentes, já próximos da agência onde trabalhava, com casas de taipa já

inclinadas pelo tempo, e algumas com pinturas descascadas e sem nenhum realce devido à longa falta de manutenção. Crianças sujas e descalças brincavam em algazarra, gerando enormes poeiras que subiam das ruas despavimentadas e emburacadas, à medida que corriam umas atrás das outras acompanhadas de cachorros que pareciam participar da diversão. Jorge observava mendigos que caminhavam cabisbaixos e introspectivos como peregrinos, apenas na companhia de suas trouxas esfarrapadas. O bar do Seu Antenor já se encontrava aberto e com seus fiéis clientes, quando Jorge passou saudando-os com gritos aqui e acolá, e piadas obscenas entendidas somente entre eles. No fundo das casas, panelas de pressão chiavam durante os cozimentos para o preparo do almoço, lançando aromas agradáveis de carnes e temperos diversificados. O carteiro sentia-se feliz e entre amigos. Fez as entregas naquela região e partiu com a bicicleta em grandes chacoalhadas por conta da péssima estrada.

Presenciando os contrastes existentes que sempre regeram a vida, Jorge também trafegava por bairros que pareciam estar intangíveis e deslocados do resto da cidade, totalmente o oposto do grupo de pessoas e paisagens com as quais ele convivia e era familiarizado. Diferente do ambiente que a pouco tempo havia deixado para trás, as construções ali eram verdadeiras artes da engenharia, com acabamentos e traços refinados, diversas decorações entalhadas a partir de vidros e madeiras importadas em quase todas as casas. Grandes pedras talhadas revestiam os altos muros como se fossem fortalezas. As ruas suntuosas e planas davam ao simplório homem a sensação de ser possível pedalar sem nenhum cansaço por toda a eternidade. Até mesmo as pessoas ali faziam o carteiro se

sentir acanhado e pequeno, mal conseguindo fitá-las nos olhos.

Ali, Jorge gostava de apreciar a explosão de cores quando passava pela espécie de túnel abobadado, formado pelos longos galhos de ipês, magnólias, jacarandás, entre outras árvores que embelezavam os jardins externos, exalando fortes cheiros amadeirados e sutis fragrâncias adocicadas que eram capturadas por toda a atmosfera. Uma profusão de pássaros aninhados nas copas das árvores chilreavam em coros harmoniosos, voando de um galho a outro sem qualquer tempo para identificá-los.

Ao mesmo tempo em que se sentia maravilhado por tudo aquilo, o carteiro não conseguia evitar os assaltos de amarguras e desejos que lhe inundava o coração, esperançoso de que um dia a boa sorte pudesse também sorrir para ele. Absorto em pensamentos e divagações, Jorge dirigia-se agora pelo centro mais movimentado da cidade, pedalando em ritmos mecanizados, fitando o chão à sua frente taciturnamente ao atravessar as ruas que se emaranhavam como teias de aranha. Sonhava.

Retirado bruscamente de seus devaneios, o homem foi despertado no momento exato da buzina do caminhão que não tivera tempo de frear suficientemente. Jorge tentou, nos poucos segundos que ainda tivera de reflexo, desviar-se atabalhoadamente do veículo, mas já era tarde demais. O barulho do impacto chamou a atenção dos pedestres que circulavam, curiosos e assustados para saber o que acontecera. Em poucos segundos já havia se instalado uma multidão com olhares preocupados, lamentosos e alguns indiferentes ao redor do carteiro, pisoteando as inúmeras cartas amassadas que estavam espalhadas. No centro da agitação, jazia o corpo do homem moribundo, a vida se

esvaindo através do líquido vermelho que coloria lentamente o asfalto cinzento.

Já era entardecer, o céu pintalgado lançava cores alaranjadas e carmesim em todas as moradias, pessoas e todas as outras cosas abaixo, quando o grupo de papagaios voaram acima da multidão, retornando para seus habitats antes que as últimas horas do dia fossem extinguidas, enquanto eram observados pelo par de olhos sem vida do carteiro. Apenas o som frenético das numerosas batidas de asas das aves eram audíveis. Por algum motivo, dessa vez a revoada foi em silêncio.

Artemise Galeno

São Luis – MA



Cursou serviço social
Antologias que participou
como coautora:

Meninas e mulheres

Ano 2500

Do nascimento ao epitáfio

Poesia libertadora

Elas eram princesas

Livros solo:

Aprendendo a vencer
gigantes

Eletrônica paixão

Plataformas digitais:

Contos

Sextilhas

Romances

Contos etc.

E por falar em liberdade...

Somos livres

Livres para escolher, avançar ou retroceder.

Podemos também mudar a nossa história sim, mas tantas vezes silenciámos quando deveríamos questionar.

Temos muito que protestar. Vivemos no meio da tanta desigualdade e preconceito, dos cansativos dias de labuta sem horas extras (esqueceram-se que a Era Sexagenária já passou?), das frestas nos asfaltos, da falta de saneamento básico, da saúde quando o problema é o SUS, (esse só funciona na teoria); dos professores mal remunerados, do alto índice de violência e abuso sexual com nossas crianças. Do nepotismo, da economia mal distribuída no nosso país, da violação dos direitos humanos, da erradicação da estabilidade de funcionário, dos direitos dos trabalhadores tolhidos, da Amazônia transformada em cinzas. Do uso das drogas liberadas, da criminalidade, gestantes e idosos que não conhecem seus direitos, do artigo que protege o menor infrator, do feminicídio que tem se destacado durante a quarentena do covid-19. Da falta de respeito com as mulheres, idosos e crianças.

Somos uma minoria, num país onde todos se acomodam, descansam e dormem tranquilos. E grandes são os nossos sonhos! Todavia nunca chegamos a lutar por eles. Vivemos tão perto uns dos outros! Entretanto temos caminhos inversos, pensamentos contrários e de nada usufruímos. Até tentamos alcançar essa fortaleza, mas permanecemos no marasmo da ignorância, conservando-nos alienados e literalmente sobrepujados pela classe dominante. Contudo, permanecemos nas mesmas cidades, nas mesmas urnas e nos mesmos votos. Nada muda, tudo permanece; porém nos contentamos quando somos inseridos nos projetos de inclusão social.

Estamos sempre condicionadas a dizer não às tentativas de liberdade. Muito mais defende o intelectual Jean Rousseau

quando menciona que, existirá sempre alguém se deleitando dos mesmos direitos que deveríamos usufruir, estamos acorrentados por fatores como nossa própria vaidade, fruto da corrupção do intento do homem, por sua natureza maldosa.

Vivemos em total desconforto e declínio social. Todavia questiono: Por que a Copa do mundo, o carnaval e outras festividades, causam tanta mobilização de Recursos Financeiros, se a nossa depreciada Educação era que deveria ter esse privilégio? Enquanto nos questionamos em imenso desatino, expira um pouquinho de nós. E as verbas que ornamentam as cidades e municípios com praças enormes sendo construídas? Enquanto isso, morrem pessoas nos corredores de hospitais abarrotados. Temos o descaso sim. O ser humano tem morrido por causa de uma pandemia e corpos são enterrados como se fossem animais. Vemos literalmente a construção de estádios, enquanto isso a classe menos favorecida, se deplora por morar debaixo da ponte. Como podemos dizer que Brasil está muito bem se a realidade deflagra essa tese? Passamos a viver de utopia. Ah! Se nossos gestores pensassem relativamente no futuro dos nossos jovens e investissem ousadamente na educação como nos Países de primeiro mundo! Como consequência de tantas mazelas, já se interpreta uma crise Econômica Mundial mais extensa do que a de 1870.

Perdemos tanto tempo priorizando trabalho, riqueza e passamos a maior parte do dia longe de nossa família. Não lembramos que o tempo passa muito rápido e subitamente perdemos nossas metas.

Esquecemo-nos das pequenas coisas que poderiam ser cultivadas: do vizinho ferido por uma ofensa que falamos, pela grosseria de não abraçar o filho quando chega da escola, pela palavra que não foi dita na hora certa, perdemos o sabor da vida lembrando-nos de um passado feliz. E será que fomos mesmos felizes? O que deveria mais tocar em nosso fantasiado coração era a fútil maneira de vivermos fingindo que tudo vai bem, e quando alguém faz esta pergunta estamos automaticamente condicionados a dizer: - está tudo bem, obrigado! Às vezes reflito

nessa facilidade como pouso forçado, mas penso principalmente no salário bem pequeno, tão inofensivo, esse não faz nada, não atinge o alvo, pelo contrário, desvia-nos sempre da nossa boa intenção: a de pagar todas nossas dívidas. O que não faz a avareza, digo... A falta de cédulas!

É muito bom, poder caminhar de braços abertos e agradecer a Deus pelo dia, pela vida, por todos os seus benefícios, poder ter o livre arbítrio para escolher. Mas não, ficamos inertes a tudo que temos direito, poderíamos mais viver, com liberdade. A vida perde sua essência quando não valorizamos o próximo, e entendermos que, podemos ser felizes quando fazemos o outro feliz. Precisamos recomeçar mesmo sem possibilidade de acertar. E por que não tomamos as asas da liberdade, e corremos atrás de nossos sonhos?

Romeu Donatti

Sinop – MT



Romeu Donatti é nascido em Guaporé-RS e mora em Sinop-MT desde 1984. É professor de língua inglesa da rede pública de ensino do Estado de Mato Grosso. Graduado em Letras/Português e Inglês pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT – 1997) e Mestre em Letras (na linha de pesquisa em estudos linguísticos) pela mesma instituição, em 2018. Apaixonado por séries policiais e poesia.

Sinais

Chegou em casa ao cair da noite.
Regou as plantas
Deu de comer aos peixes
Subiu para seu quarto vagarosamente
Sentou-se em frente a penteadeira
Fitou-se no espelho demoradamente
Penteou os cabelos admirando sua palidez
Procurou dentro de si a felicidade de outrora
Levantou-se
Despiu-se
Banhou-se
Desceu para a cozinha
Preparou seu jantar
Sentou-se à mesa, nua
Sorveu o café lentamente
Deslizou a manteiga no pão quente
Lambeu os dedos amanteigados
Lavou a louça
Subiu as escadas novamente
Já em seu quarto, dirigiu-se à janela
Olhou para a lua, que inteira, espreitava-a
Sentou-se na cama
Lembranças inundaram-lhe a mente
Algumas puídas pelo tempo, outras mais recentes
Arrebatou-lhe o desespero, inesperadamente
Tentou reprimir o choro, inutilmente
Abriu um vinho...
Uma
Duas
Três taças!
Dançou
Rodopiou

Chorou
Ouvindo Maysa cantar, tragicamente:
“Meu mundo caiu...”
Mais vinho...
Apanhou na escrivaninha o livro que lia há uma semana
Abriu-o
Fechou-o
Abriu-o novamente
Pôs-se a lê-lo
Leu-o vorazmente
Fê-lo sobriamente
Sentou-se na cama
Lançou mão de um lápis
Sublinhou em uma página qualquer com traços fortes
“viver sem amar, é morrer lentamente”
Fechou-o
Chorou desesperadamente
Os filhos?
Os amigos?
?????
É morrer lentamente...
Adormeceu
Sonhou
Amou
Delirou
Não acordou...
Sem amor,
As luzes se apagaram, finalmente!

Manoel Rodrigues Leite

Sinop – MT



Nascido em Cuiabá-MT em 22 de maio de 1976, casado, pai de duas lindas meninas, profissional realizado envereda pelos caminhos da psicologia, saúde, educação e da escrita. Com atuação nesses diversos seguimentos busca a descrição e compreensão da psique humana, ora explicadas pelo comportamento e pela ciência, ora consolidadas pelas experiências das emoções e da arte. Atender, analisar e ajudar as pessoas é buscar os sentidos e sentimentos de toda a humanidade, afinal de contas cada um de nós pertence ao todo. É essa vereda que possibilita nos desenvolver como ser humano através de nossa própria experiência e de uma partilha de aprendizagem social.

O preço da dúvida

Tudo tem o seu preço, então por quais razões das dúvidas seriam diferentes. Roberta vivia com muitas dúvidas, mas o que ela não percebia era que as dúvidas como dívidas que se tenta ignorar cobram juros abusivos na vida de todos que as ignoram.

— Não estou mais satisfeita com a nossa relação! Você não me dá a atenção que eu mereço! Você não é mais o mesmo! – Dizia Roberta ao seu marido.

— Mas o que podemos fazer? Já tentamos de tudo, nada de satisfaz! – Argumentava Adilson o marido de Roberta, um homem ocupado com o trabalho e constantemente preocupado com a família, o que ele não falava era o sentimento de distanciamento cada vez mais intenso.

— Isso não é verdade. Tudo o que eu quero é que você mude. Me dê mais atenção, e de mais atenção aos nossos filhos.

Essas discussões eram cada vez mais frequentes, quando eles estavam longe o que mais queriam estar perto. Mas quando estavam perto se sentiam sem espaço, invadidos pela presença do outro. Uma ausência de privacidade na vida privada. Tudo isso tinha se intensificado no último mês, no qual tanto Roberta como Adilson estavam trabalhando em *home office*, e os dois

filhos do casal estavam com aulas *online* por quanta da pandemia.

Cada momento de proximidade era uma discussão, um atrito, uma queixa. Não fazia sentido pedir a presença um do outro, visto que estavam todos no mesmo espaço, o que não existia era a aproximação de alma que a mutista estava envenenada pelas dúvidas que todos diariamente nutriam.

As dúvidas são como plantas daninhas em meio a um jardim florido: começam pequenas, roubam vitalidade, sufocam e por fim matam o jardim mais belo e feliz. Roberta não tinha percebido que deixara as dúvidas tomarem conta de sua vida, e, de seus sonhos.

O que eles não percebiam que após muito cansaço as discussões diminuía, não tinham mais forças para discutir. E foi nesse momento que as dúvidas começaram a serem dissipadas. Em momentos simples quando Roberta dizia:

— Adilson, crianças deixem os celulares e vamos ficar aqui todos juntos na sala. — A oportunidade de se aproximar estava posta, não precisavam provar resultados apenas aproximar sem nenhum objetivo, sem nenhuma tecnologia, sem nenhuma cobrança e com certeza com menos dúvidas.

Ireneu Bruno Jaeger

Sinop – MT



Formação: Curso de Letras, PUC/PR, com habilitação em Português, Latim e Inglês e Literaturas. Lecionou em Santa Catarina, no Paraná e no Mato Grosso, Campus de Sinop. Hoje aposentado. Fundador, três vezes presidente da Academia Sinopense de Ciências e Letras. Cadeira nº 1, patrono: Mario Quintana.

Nasceu a 11/02/38, Itapiranga SC. Casado com a Professora Isabela Norma Jaeger. Tem três filhos: Paulo, Marisa e Márcia.

Obras: Luzerna (poemas), A Invenção do Garfo (crônicas), Para as Crianças da Minha Rua (literatura Infantil), A Rua das Tílias em festa, Curso Básico de Português (duas edições esgotadas), Arabescos (poemas, Um Menino Apanhava pêssegos (crônicas), O Rio dos Poetas (poesia), Alimentar Sonhos (poemas), coautor de Balaio de Poesias, Hora de Colher (crônicas). As Cores do Vento (poesia), Histórico de Unemat, Vamos salvar o Caipirês, De Brasília a Manaus (romance) e está pronto para ser lançado “Enfim Juntos” (romance resultado de confinamento pelo coronavírus).

O Fascínio pelas Letras

Quando o professor de História
dava prova. Exemplo:
Guerra do Paraguai
ou O Descobrimento do Brasil
eu vibrava e escrevia loucamente
páginas e páginas de almanaque
imaginando a guerra
participando dela
o burburinho nos navios atingidos
o tumulto indescritível dos feridos
os balaços, os mortos
sempre matava mais algum por conta.
E no descobrimento
os portugueses deslumbrados
com os índios corpudos sem roupas.
Escrevia, escrevia, cansava a mão
de tanto colocar garatujos na folha.
Claro que o professor
não ia ser tolo
de ler toda aquela fantasia
nem percebia patavina
da criatividade malformada
e se limitava a dar dez.

Bernadete Crecêncio Laurindo

Sinop-MT



Catarinense de São José, reside em Sinop, há 34 anos. Advogada e aposentada por tempo de serviço, pelo Poder Judiciário do Estado de Mato Grosso, como Oficial de Justiça. Graduada em Letras e Direito, cursou Pós-Graduação *Lato Sensu*, com Especialização em Língua Portuguesa. É Membro da ASCL – Academia Sinopense de Ciências e Letras, Fundadora e

Ocupante da Cadeira n. 04, cujo Patrono é Cruz e Sousa.

Escreve contos, crônicas e poemas.

Em seus escritos, o “eu lírico” faz transcender o cotidiano, que exsurge do ordinário e denso, tomando, como que forma etérea, diáfana, que só a Poesia pode definir.

É autora dos livros de Poemas

- **POR FALAR EM TI**

- **ENCONTROS DE LONGES CAMINHOS**

- **VERSOS E SEUS REVERSOS**

- Participou do livro **Dez Anos da Academia Sinopense de Ciências e Letras**, e de várias **Antologias**.

Felicidade é matreira

Feliz de quem descobre
Que a felicidade é matreira!
Felicidade vive brincando
de esconde-esconde
Felicidade é coisa simples,
possível de ser encontrada
lá pelos lados das coisas de todo dia,
das que a gente pensa que não têm importância
Pode até estar disfarçada
em uma dedada no doce de leite...
ou numa colherada de leite “ninho”, roubada,
Ou num carinho, fortuitamente manifesto
sem mais, nem por quê...
Ou por aí, à hora do chimarrão,
No finzinho de uma tarde de sábado,
os cães ao redor, fazendo peripécias...
É, felicidade é coisa simples. E matreira
Feliz é quem a descobre!

Dolores Flor

Sinop-MT



Ocupa a cadeira nº 15 da Academia Sinopense de Ciências e Letras de Sinop. Patrono Dom Aquino Correia. Natural da cidade de Querência do Norte/PR Reside em Sinop desde 2013. Casada, com o Escritor e psicólogo Manoel Rodrigues Leite mãe das pequenas escritoras Maria Clara e de Emanuele de Fátima. Graduada em Letras, Sonhadora com as artes

literárias cultiva em sua vida o romantismo e evidencia a relevância do amor na instigante teia existencial das pessoas, através de seus poemas. Nas artes plásticas, busca a beleza e a ternura em obras decorativas. Trabalhos em destaques: *Minha Esperança em Você; Miragem-Faces de Uma Paixão, Desejos em versos; Uma Alma e um Corpo de Mulher entre as paredes de flores e Espinhos-Cartas portuguesas; Autores Mato-grossenses Alto Taquari em Versos, Dinâmicas*. Em meio a outras participações poéticas em coletâneas. Recebeu moções de aplausos.

Autora dos Projetos:

- Autores Mato-grossenses: Cidades em Versos
- Meu primeiro Autógrafo
- Escritores Contemporâneos
- Escrita Infantil
- Minha monografia, meu livro

“É preciso conhecer os diversos caminhos que a vida nos proporciona, a leitura enriquece o homem e solidifica a sabedoria na vida de cada um. A dinâmica do conhecimento nos leva a um mundo de imaginações que concretizarão no percurso de nossas vidas”.

Alma entre resquícios

Certa de que estaria no caminho desejado,
Procurei as montanhas e colinas,
Verdes caminhos, longas estradas;
Saindo do campo, no vazio das matas,
Procurando abrigo em ninhos de pássaros.
Sob o som das cachoeiras, escrevi letras e melodias.
Com os potes cheios de esperança regando jardins,
alimentando o orvalho, passei longas noites.
Sonho acordado, escrevendo poesia solta,
Para coisas soltas.
Olhos sedentos,
Caídos por encantos, admiração.
Meu sonho acabou:
Não subi nas montanhas,
Não alcancei os vales, não sei se foi derrota,
Mas adormeci e acordei nos braços do destino,
No jogo da vida, no jogo do xadrez...
Alma entre resquícios...

Esta coletânea é composta por *trinta e um* escritores de *nove* estados e *dezenove* cidades diferentes, uma riquíssima junção de palavras em formas de Contos e Poemas. Este é o nosso sonho, reunir diversos contextos literários e assim partilhar conhecimento e culturas diferentes.

Saudações Literárias.



EDITORA

CAIXA POSTAL 785 – SINOP – 78.551-350

FONE (66) 99643-5501

www.escritorescontemporaneos.com.br

www.saberesonline.com.br